

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Qubo Engenharia
Construímos
o seu sonho
consigo!

Sabe o que é uma casa passiva?

É uma casa que gasta muito pouca energia e recicla a que produz. Graças ao desempenho do seu isolamento térmico, à sua ventilação, às contribuições da energia solar, mantém uma temperatura ambiente suave ao longo do ano.

O que podemos fazer por si

Projeto
Construção
Reabilitação,
Remodelação
Reparação

(+351) 964 827 699
geral@qubo.pt

QUBO.PT



p/ 06 e 07.

Lusodescendentes... Ensino Profissional
Língua Portuguesa

p/ 08.

AILD - Associado do mês
Nuno Gomes Garcia

p/ 12.

Grande Entrevista. Os 40 anos do Fantasporto
Mário Dorminsky e Beatriz Pacheco Pereira

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 26.

Migrações. Por Gilda Pereira
Um novo recorde de estrangeiros a fixar residência em Portugal

p/ 30.

Artes e Artistas Lusos. Por Terry Costa
Helder Wasterlain

p/ 40.

Eça de Queiroz - Parte I. Por Manuel Pereira Cardoso
Do mais "alto lugar" queirosiano. Entre a ficção e a realidade

Obra de capa

Título: “Preservem-nos!

Nós temos vida!”

Dimensões: 35 x 27

Técnica: Acrílico caneta s/papel

Descrição da obra:

Eu sou uma flor, uma linda flor, sempre mo disseram!

Disseram também que a alma do jardim são as flores com as suas cores e aromas. Mas a sua forma de viver teve consequências esgotando os recursos naturais de que preciso para viver, debilitando-me, encaminhando-me para um difícil e penoso sobreviver. Então eu, e, mais um grupo de algumas outras flores, resolvemos sair do jardim e voltar à origem do mundo, indo para o mar, na esperança de encontrar um novo espaço de vida, onde pudéssemos recuperar a alegria de viver. Uma grande aventura! Um grande sonho! Uma grande desilusão! Nos primeiros dias, foi a descoberta de um “mundo” novo e a adaptação. Tivemos de nos mutar.

Erika Jámece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Diana Correia, Flávio Alves Martins, João Costa, Georgina Leal, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, José Martinho, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo

conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 08 agosto 2021, GRATUITA

Editorial

Caros Leitores

A Descendências é uma revista da Lusofonia, da língua Portuguesa e da Cultura. Por isso mesmo trata-se de um espaço que tem a missão de enaltecer o melhor que há de Portugal, cá dentro e além-fronteiras. Aqui procuramos recordar o que faz de nós um dos melhores países do mundo, e trazer à luz o que ainda continuamos a acrescentar para a cultura, inovação e desenvolvimento. Na Descendências, promovemos artistas e empreendedores, líderes de opinião e profissionais em ascensão, o português de origem e aquele que faz da língua e da herança uma fonte de reconhecimento internacional.

Por isso, quando olho para os dados estatísticos relativos ao fluxo migratório para Portugal, cada vez mais me convenço das palavras de Tomás Ribeiro quando se referia ao nosso país. “Jardim da Europa à beira-mar plantado”. Os media nacionais muito se referiram aos níveis de desconfiança por parte dos turistas estrangeiros em viajarem para Portugal, tendo-se mantido sempre em alerta quando algo de menos positivo ocorria na odisseia da pandemia.

Graças aos esforços de todos os cidadãos e dos notórios avanços na vacinação, vimos um verão com algum turismo de fora e para fora, como também vimos as diferentes entidades públicas retomar maior atividade nos processos que durante muito tempo estiveram parados ou a “funcionar a conta-gotas”. Com a promessa de estarmos cada vez mais próximos de uma imunidade de grupo, com o gradual regresso a um novo

normal e com as liberdades a serem progressivamente repostas, encontramos de novo a esperança de termos o nosso mundo de volta. Pode ser um mundo diferente de como nos lembramos dele, mas parece também um mundo mais empático e determinado em trabalhar em conjunto para o bem de todos.

O Verão está a meio e ainda há muito para aproveitar conhecer! O charme mediterrânico de Portugal é ainda mais evidente nas praias douradas do Algarve, na natureza selvagem dos Açores, nos vinhedos do Vale do Douro e nas ruas com contos de Lisboa, onde a cultura do Velho Mundo convive com bares e restaurantes cosmopolitas. Desfrute deste país onde cada vez mais idiomas e pronúncias estrangeiras se fazem ouvir onde quer vá, onde pode encontrar o troço de casa em qualquer recanto e onde novas paixões podem ser descobertas a qualquer momento.

E claro, não podemos deixar de recordar a celebração dos 40 anos do Fantasporto. Considerado o maior festival de cinema de Portugal traz consigo uma bagagem de numerosas recordações e momentos inesquecíveis para milhares de espectadores. Com origem na revista Cinema Novo, o Fantasporto tem sido uma referência nos festivais de cinema celebrados a nível nacional e internacional desde o seu lançamento em Janeiro de 1981. Para marcar este aniversário tão significativo a grande entrevista desta edição da Descendências é com o Mário e a Beatriz, fundadores do Fantasporto.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| A I L D

Lusodescendentes....

Ensino Profissional, é a oportunidade do Futuro que tu quiseses

As escolas profissionais têm um papel chave na sociedade e no tecido empresarial, com uma influência direta na educação e formação da sociedade, e com uma consequente responsabilidade na criação dos novos empreendedores e das novas empresas do futuro.

O ensino profissional apareceu como uma alternativa para alunos que queriam definir o seu percurso com base na vocação e não nos seus resultados escolares, criando-se desta forma um novo paradigma da educação.

Portugal desenvolve ensino profissional à cerca de 30 anos, convicto que os recursos humanos de um País são um fator diferenciador nesta sociedade global à qual Portugal pertence. E diz-nos a experiência destes 30 anos que quando um aluno do ensino profissional ingressa no ensino superior, regra geral, revela melhores resultados do que os outros alunos, pois, contrariamente ao ensino regular, este sai com aptidão para estar em empresas, em contexto de trabalho, pronto para saber comunicar com terceiros.

Por outro lado, se as empresas detetam um bom aluno

no estágio, existe de imediato a possibilidade de poderem ficar logo com ele. Normalmente, ganham remunerações mais elevadas do que os alunos que saem do científico-humanístico diretamente para o mercado de trabalho. Também quando ingressa no ensino superior, regra geral, revela melhores resultados do que os outros alunos, precisamente pelas características próprias e diferenciadoras que o ensino profissional contempla.

Nesta época, em que termina um ano letivo e se prepara o próximo, as escolas profissionais estão a recrutar novos alunos e a potenciar novos cursos, ajustados às necessidades do mercado de trabalho, mas também, tendo em conta os cursos mais procurados e aqueles que oferecem no curto/médio prazo, maiores garantias de empregabilidade.

Entre as mais de 200 escolas profissionais, trazemos aqui ao conhecimento, o exemplo da ESPOSER - Escola Profissional de Sernancelhe, localizada a norte do distrito de Viseu, que entrou em contacto com a AILD. Daí a escola deste exemplo, cujo lema e desafio da instituição “A

AVENTURA COMEÇA AQUI E O TEU FUTURO TAMBÉM!”, com inscrições para o próximo Ano Letivo de 2021/2022, abertas, e a oferecer Cursos Profissionais de Dupla Certificação – entrada direta no mercado de trabalho e/ou prosseguimento de estudos superiores – em quatro áreas distintas: Cozinha e Pastelaria; Multimédia; Auxiliar de Saúde; Eletrónica, Automação e Computadores.

Além dos cursos previstos, esta escola profissional está a fazer uma grande aposta de recrutamento e a OFERECER um conjunto de apoios aos alunos que ingressem na ESPOSER (Inscrições on-line no site: www.esproser.pt), no próximo ano letivo.

A AILD o ano passado promoveu de forma ativa o incentivo para os lusodescendentes virem estudar para o ensino superior em Portugal, aproveitando a oportunidade do contingente especial de 7% das vagas, circunstância e oportunidade que se repete este ano. No entanto, este ano, juntamos a este desafio, as escolas profissionais, ao qual estão interligadas, uma vez que é possível ingressar no ensino superior após o ensino profissional.

Seis anos depois do grande incêndio do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, vai ser agora reinaugurado, em pleno coração de São Paulo, na Estação da Luz, num edifício que já ardeu duas vezes e que foi reconstruído três, o que talvez seja um bom presságio para a Língua Portuguesa.

A criação deste Museu reveste-se de maior importância na valorização e na afirmação da Língua Portuguesa, mas não é suficiente para que ela ganhe o estatuto que merece.

Pensemos por exemplo na língua inglesa, que se tornou a língua franca em todo o mundo, conseguindo mesmo ser a língua oficial da Comunidade Europeia, sem, no entanto, ser a língua oficial de nenhum dos países membros. Não deixa de ser interessante estudar como é que isso foi possível, já que este feito não se deveu unicamente a uma

ação concertada do Reino Unido e/ou dos EUA.

A CPLP, as empresas e cada um de nós pode no seu dia-a-dia contribuir para defender o estatuto que a Língua Portuguesa pode alcançar, procurando aprender com os outros o que fazem para defender a sua língua.

Se acompanharmos os campeonatos de outros países, constataremos que as circunstâncias desses países, impelem os jogadores estrangeiros que chegam a esses campeonatos, a falarem a sua língua nacional e o mesmo acontece com os treinadores de futebol estrangeiros. Graças a isso, podemos ver o José Mourinho a falar inglês, castelhano e até italiano. Seria interessante verificar quantos jogadores e treinadores estrangeiros que passaram pelo campeonato português, saíram de Portugal a falar português. Os portugueses têm

A I L D

Língua Portuguesa

um péssimo hábito de não ajudar os estrangeiros a dominarem a nossa língua, uma vez que, fazemos sempre o esforço de falar a língua do nosso interlocutor, privando-os do privilégio de conhecerem esta nobre Língua.

Podemos alterar esta situação contribuindo todos para que os estrangeiros aprendam a nossa língua, por exemplo, se cada empresa portuguesa incentivar nas suas delegações que todos dominem a nossa língua, também não seria má ideia se as empresas portuguesas, descobrissem o tesouro que constitui empregar os lusodescendentes locais. Decerto que estes veriam com bom grado a oportunidade de dominar melhor a língua portuguesa.

No mês passado, na XIII cimeira da CPLP, reafirmou-se que a “mobilidade constitui um desígnio fulcral para a materialização da comunidade, pela sua importância para o incremento e a consolidação das relações de cooperação e amizade existentes entre os Estados-membros da CPLP e entre os seus povos, e pelo seu contributo para a aproximação da comunidade aos seus cidadãos”.

A mobilidade é importante para haver um maior conhecimento entre seus membros, e para que a riqueza gerada nos diferentes países aumente. Ninguém duvidará que se a riqueza entre os membros da CPLP crescer, se estará a dar um grande empurrão para que a língua portuguesa alcance um estatuto maior.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

A I L D

Nuno Gomes Garcia

Idade: 43 anos

País de nascimento:

Portugal

País/Cidade onde

reside: França/Paris



Nasceu em Matosinhos, estudou História e foi arqueólogo. Vive em Paris, onde é consultor editorial e divulgador da literatura lusófona na rádio e na imprensa escrita. Corre todos os dias com o seu cão ao longo do Sena e a sua prioridade é ensinar os dois filhos a falar português.

Escreveu quatro romances: Zalature (2021), O Homem Domesticado (2017) – cuja tradução será publicada em França em abril de 2022 –, O Dia em Que o Sol Se Apagou (2015) – finalista do Prémio Leya – e O Soldado Sabino (2012), obra traduzida e publicada em França.



Como se tornou escritor?

Quando era criança era um bocado mentiroso e passava a vida a inventar histórias para não ser castigado. A vontade de escrever histórias terá tido origem nesse traço da minha personalidade, que felizmente se diluiu com a idade, agora minto muito menos. Essa facilidade em improvisar histórias inventadas e a circunstância de ter sido um leitor precoce e compulsivo, apesar de, como era uma criança pobre, o meu acesso ao livro nem sempre ter sido fácil, creio estarem na origem desta mania de escrever histórias.

Quais as suas maiores influências na escrita?

Eu não tenho escritores preferidos. Leio bons livros e converso muito com bons autores, por isso fazer uma lista de escritores preferidos seria injusto. Tenho, sim, uma lista de escritores que não gosto de ler, mas isso é segredo. As influências da minha escrita são o passado, o presente e a vontade de imaginar o futuro. O passado inspira-me a escrever romances históricos e o presente

leva-me a especular sobre o futuro, o que explicará as duas distopias que escrevi. O que me motiva a escrever é, através da reflexão intelectual, o facto de poder encontrar respostas para as questões que me inquietam. Talvez seja essa minha constante inquietação a minha maior influência.

Qual dos livros que até hoje escreveu é o seu favorito? Porquê?

Isso é como perguntar qual o meu filho preferido. Gosto de todos os livros que escrevi.

É possível um escritor sobreviver só da escrita das suas obras?

Não. Julgo que em Portugal não existe um único escritor que viva apenas daquilo que publica. Se o tenta fazer, vive mal de certeza. Em Portugal, um autor que venda dois mil exemplares já esfrega as mãos de contente. Financeiramente, isso é o equivalente a um bom salário mensal a dividir por doze meses caso se escreva um livro



por ano. E publicar um livro por ano necessita de quase total exclusividade. Os prémios literários poderão equilibrar a balança, embora, porque o nosso país é pequeno e funciona em circuito fechado, isso dos prémios seja outro problema que daria uma longa conversa. Os portugueses, em média, leem pouco quando comparados com outros povos europeus, e o mundo editorial português publica demasiado, nomeadamente livros estrangeiros, quase sempre anglosaxónicos, de qualidade duvidosa. A vida para um autor que escreva em português não é nada fácil. Sempre há a possibilidade da internacionalização, um cenário praticamente irrealizável para a esmagadora maioria dos escritores lusófonos.

Porquê ir viver para França?

Em 2009, eu e a mulher com quem viria a casar vivíamos em cidades diferentes. Ela vivia em Vilnius e eu vivia no Porto, estudava em Lisboa e escavava no Alentejo. A certa altura, tivemos de decidir o que fazer com as nossas vidas e decidimos ir os dois viver para algures a meio do caminho. Esse algures calhou ser Paris. Eu mudei radicalmente de vida, mas não me arrependo.

Desafios e projetos para 2021?

O meu principal objetivo para 2021 era publicar um novo romance. Publiquei o “Zalatune”, que saiu em janeiro, exatamente no momento em que o Governo português proibiu a venda dos livros nas livrarias e nos supermercados. Aliás, isso é muito revelador da maneira como a cultura e os livros são tratados em Portugal, um país onde o que conta para o crédito social e político é aparecer nos camarotes de um estádio de futebol ou, santo graal, ser comentador na televisão. Bem, tenho, agora, projetos para 2022. Estamos a trabalhar na tradução do meu terceiro romance, “O Homem Domesticado”, que será lançado nos mercados francófonos em abril, e, juntamente com um amigo ilustrador lituano, estamos a preparar um livro infantojuvenil que, se tudo correr bem, sairá para o ano em Portugal.

O que mais gosta de Portugal?

Eu amo a minha língua, em todos os seus sotaques. Essa é a razão, uma delas pelo menos, que me levou a embarcar no Projeto “Mapas do Confinamento”, que fundei com a Gabriela Ruivo Trindade e que, hoje, une mais de cem artistas oriundos de todos os continentes e de todos os países onde se fala português. Eu vivo num mundo de muitas línguas, e falo-as no meu dia a dia, mas é o português que me faz sentir no uso pleno da minha humanidade.



E o que menos gosta?

A desigualdade social em Portugal deixa-me profundamente triste. Custa-me a aceitar que quase cinquenta anos de Democracia não tenham sido suficientes para erradicar a pobreza do nosso país. Um país pequeno de dez milhões de habitantes que vive alegre e contente com mais de dois milhões de pobres, pobres que continuam pobres apesar de receberem um salário pelo seu trabalho, é um país condenado ao fracasso e ao desaparecimento. Acho que é daí que advém um certo desprezo que sinto pelas elites portuguesas incapazes de promover o elevador social de que Portugal necessita. São essas elites, cuja incapacidade promove o discurso do ódio que vemos aparecer em certas franjas políticas, aquilo o que menos gosto em Portugal.

Porque se tornou associado da AILD?

O potencial agregador da AILD e o facto de os seus membros terem percebido que Portugal é um país de quinze milhões de habitantes, cinco dos quais a viver no estrangeiro, facto que, a existir vontade política, poderá ajudar a transformar Portugal num país de futuro e não, como até agora, num país condenado ao abismo demográfico e à insignificância.

Que projetos pretende desenvolver na AILD?

Pretendo ajudar a desenvolver projetos ligados à cultura e à literatura.

Pandemia?

O principal impacto da pandemia na minha vida tem que ver com as limitações na liberdade de circulação, o que, em termos familiares e profissionais, gerou situações muito difíceis.

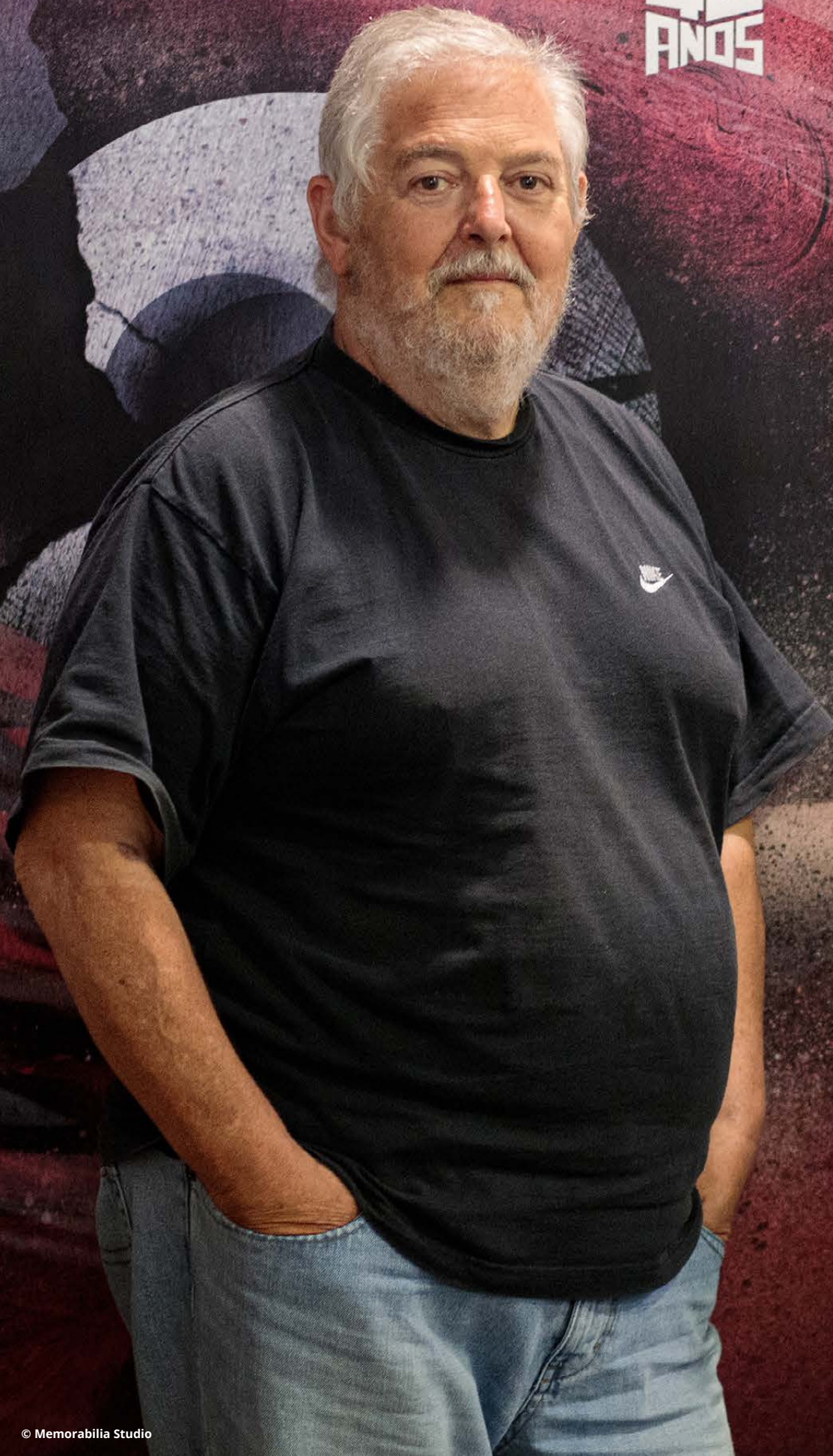
Uma mensagem para as Comunidades Portuguesas.

Nós, portugueses e lusodescendentes a viverem no estrangeiro, devemos ter em mente que, sozinhos, constituímos um pequeno país de cinco milhões de habitantes, se bem que dispersos por tudo o mundo, o que é, simultaneamente, uma força e uma fraqueza. Cada um de nós, até pela visão necessariamente cosmopolita que tem da sociedade, possui a capacidade de poder contribuir para a projeção e a promoção da nossa língua e cultura de uma maneira que os portugueses a viverem no retângulo, por, de uma maneira geral, não conhecerem outras realidades com profundidade, não possuem. É hora de aproveitarmos essa nossa mais-valia.

DESCENDENDO
MAGAZINE

CINEMA

CINEMA
40
ANOS



41° F
IN
DI
D

26 A

HAR



Francisco Mário Dorminsky de Carvalho, natural do Porto, fundador da revista Cinema Novo em 1978, e do Fantasporto em 1981.

Durante muitos anos dedicou-se a várias atividades na área da cultura, desde o cinema, passando pela arquitetura, o jornalismo e ainda o ensino. Desempenhou funções como vereador entre 2005 e 2013, sendo responsável pelo pelouro da cultura, património e turismo em Vila Nova de Gaia.

Atualmente mantém-se ligado ao Fantasporto juntamente com a esposa.

Beatriz Pacheco Pereira, natural do Porto, licenciada em filologia germânica esteve ligada à área do ensino entre 1972 e 2008.

A sua carreira fica marcada pela entrega da Medalha de Mérito Cultural do Governo Português, e a Medalha de Ouro das Cidades do Porto e Vila Nova de Gaia.

Fundadora e diretora do Festival Internacional de Cinema do Porto, mais conhecido por Fantasporto, onde continua a desempenhar funções.

GRANDE ENTREVISTA

FUNDADORES DO FANTASPORTO

MÁRIO DORMINSKY
BEATRIZ P. PEREIRA



© Memorabilia Studio

Boa tarde aos dois. Agradecemos a vossa disponibilidade para esta entrevista. Para quem conhece pouco da vossa história de amor, podem contar-nos como se conheceram? Sabemos que não foi numa sala de cinema.

Mário: Já contamos com 46 anos de casados. É uma história muito simples e complicada. Isto é, complicada porque tu (Beatriz) tens o teu ponto de vista em relação a isto...

Beatriz: Ele tinha 16 anos e eu dei-lhe explicações. Depois gostávamos das mesmas coisas, por exemplo cinema. Tudo começou em 1972, no Círculo Portuense de Ópera, o Mário como tenor, e eu como soprano. Casámos em 1976. Trabalhámos sempre juntos no Fantasporto que fundámos em 1981, apesar das nossas próprias profissões. Eu como professora do ensino secundário e o Mário como jornalista. Muito trabalho e muita paixão pelo cinema e pelo Porto.



© Memorabilia Studio

Mário: O Círculo Portuense de Ópera é uma das instituições da cidade que ainda existe, embora esteja em franca decadência, e que na altura era um dos dois grandes corais sinfónicos existentes em Portugal. Havia o coro da Gulbenkian e o Círculo Portuense de Ópera. Nós trabalhávamos em grandes salas, ora no Coliseu, ora no Rivoli e por aí fora. Eu já vinha de coros desde miúdo, desde o coro da Igreja, do Marquês concretamente, depois passando pelo coro da Sé que era um coro bastan-

te interessante e um ano antes de começarmos a “andar juntos” fazíamos circuitos com amigos, onde víamos exposições, íamos às livrarias, aos cineclubes e na prática o que acontece é que percebemos que os nossos interesses eram muito parecidos para não dizer iguais, inclusivamente a nível social e político, e uma coisa levou à outra. Depois, integramos o grupo do José Mário Branco onde passamos da ópera, para a música de intervenção e fazíamos concertos em todo o lado.



E nessa altura já namoravam?

Mário: Já. Andávamos a fazer esses circuitos em paralelo com a atividade profissional. Eu trabalhava em arquitetura no Fundo de Fomento de Habitação – num projeto muito interessante chamado SAL, que durou cerca de quatro anos e acompanhou o período em que estive em arquitetura. Depois do casamento (acho que foi o único choque da nossa vida) estive seis meses sem fazer nada porque zanguei-me com os professores da escola, abandonei o curso e fui dar aulas de educação visual para Riba de Ave. Além disso, estive na área do marketing, trabalhei numa companhia de seguros e depois estive 15 anos em jornais.

Beatriz: Eu era professora do ensino secundário, comecei na escola Infante D. Henrique no Porto e fui fazendo o curso ao mesmo tempo que dava aulas (desde os 18 anos); ainda fui para Coimbra durante um ano e regressei ao Porto quando abriu o curso de Filologia Germânica. Toda a minha vida enquanto professora (durante 30 anos) foi feita a viajar pelo país e a fazer o Fantasporto.

A paixão pela cinematografia como é que surgiu?

Mário: No meu caso foi muito simples – era um passatem-po. Ao estar a viver no Marquês de Pombal e estar muito sediado naquela zona, existia lá um cinema, o único ao ar livre, o cinema do Terço que só funcionava no período de verão e eu tinha uma espécie de lugar reservado, eu via filmes uns atrás dos outros, isto desde os meus sete ou oito anos. Tanto via um filme de autor como um filme de grande espetáculo. Esse início de ligação ao cinema permitiu-me ter uma leitura do cinema abrangente e começar a sistematizar na minha cabeça o que era o cinema, e as características de cada filme.

Beatriz: Eu comecei aos seis anos a classificar filmes. Comecei desde muito cedo a colecionar papéis (uma tradição de família), a minha mãe fazia desenhos de atores, o meu pai levava-me ao cinema e o colégio onde eu andava tinha sessões semanais de cinema. Também a igreja do Marquês onde eu andava costumava exhibir filmes. Portanto, era muito normal acompanharmos o desenvolvimento do cinema. O meu pai sempre me disse que “saber é poder”, a minha mãe era menos cinéfila, mas sempre exigiu trabalho e brio.

Todos os dias 24 horas juntos como gerem a vida pessoal e profissional?

Mário: Não é verdade. A Beatriz esteve sempre de um lado para o outro a viajar, principalmente pelos períodos da semana. Nós sempre vivemos no Porto e no meu caso, a partir do momento que temos a revista Cinema Novo, em 1978, eu estava pelo menos 15 dias por mês fora em vários festivais, a realizar diversas entrevistas. Esse tipo de vivência permitia que quando estávamos juntos, estávamos mesmo juntos. E, quando estávamos juntos tínhamos muito trabalho, porque fazer uma revista dá muito trabalho.

Beatriz: Todo o nosso tempo livre era para o Fantasporto. Era a vantagem que tínhamos e temos em sermos casados, nós podemos discutir em casa, ao jantar, ao almoço. Levamos o trabalho para a vida privada. Temos sempre maneiras diferentes de ver o problema e assim vamos conseguindo fazer coisas.

Durante estes anos foram imensos os prémios que receberam, entre eles a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo Português e as Medalhas de Grau Ouro das cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia. Ainda se lembram como se sentiram e o que pensaram?



© Memorabilia Studio

Beatriz: Sentimos reconhecimento pelo trabalho que tínhamos feito, pela notoriedade internacional que tínhamos na altura. Se esse mérito fosse traduzido em mais apoio, melhores condições de trabalho, teria sido bom, mas de facto não. Chegamos ao fim e temos as mesmas dificuldades.

Mário: Por outro lado, sentimos que o processo de atribuição da medalha, não no caso da Câmara Municipal do Porto nem de Gaia, mas a nível do Ministério da Cultura e do Estado Português, um bocado como o, “toma lá”!

Ao longo dos anos participaram como júris em festivais internacionais de cinema. Sentem que existe um olhar diferente sobre a indústria da sétima arte comparativamente com Portugal?

Mário: Somos o único país do mundo em que o cinema é integralmente pago. Em Portugal os filmes são integralmente de autor onde fala das suas preocupações e transmite infor-

mações pessoais. Estes filmes são muito bem recebidos em festivais e bem aclamados por parte da crítica, mas como não ocupam lugar na sala de cinema passam ao lado do público no geral. A produção cinematográfica nacional está a cargo de grandes produtores. Em Portugal, a indústria do cinema estagnou.

Beatriz: Lá fora, gostam do cinema que fazem, cá não. Não se faz cinema para o público ver. E o espaço de exibição dos filmes portugueses é cada vez mais restrito. Lá fora há mais profissionalismo, menos compadrio e centralismo. É mais fácil filmar. Também há menos interferência do Estado, e há mais patrocinadores. Não são só os do costume que fazem filmes. O cinema português anda aos soluços.

Foi a primeira mulher a participar como colunista de crítica de cinema n' O Primeiro de Janeiro e a primeira a publicar livros de cinema. Como aconteceu?



© Memorabilia Studio

Beatriz: Na família que nasci tive sempre a noção que as mulheres podiam fazer uma coisa e os homens outras coisas e isso de alguma forma espicou-me. Quando eu entro n' O Primeiro de Janeiro vou ocupar o lugar do Mário, e, entretanto, já tinha muitos textos feitos na revista Cinema Novo. Foi o meu primeiro trabalho como crítica de cinema. A noção de que sou um bicho raro em Portugal continua até hoje. As pessoas continuam a dizer “como é que uma mulher consegue fazer um livro de 600 páginas?” mas, eu nunca deixei de fazer nada pelo facto de ser desencorajada.

Como surge a Cinema Novo CRL?

Mário: A Cinema Novo revista aparece em 1978 e a Cinema Novo CRL aparece em 1988, com o objetivo de conseguirmos exibir filmes, o que, com a revista não era possível. A partir do terceiro número da revista começamos a acompanhar mensalmente ciclos de cinema. Foi bastante importante porque tínhamos acesso a um conjunto de salas de

cinema, por exemplo no Lumière no Porto e do outro lado da rua no auditório Carlos Alberto que tinha sido na altura alugado pela Secretaria de Estado da Cultura. Dessa forma, durante 15 dias por mês fazíamos programação de ciclos de cinema, e assim cada revista estava relacionada com o ciclo que íamos fazendo. Neste seguimento, dez anos depois, existe uma produção especial chamada cinema fantástico que serviu de catálogo ao primeiro Fantasporto.

Como nasceu a ideia de criarem o Fantasporto?

Mário: A ideia do surgimento do Fantasporto surgiu durante a cobertura do Festival de Cinema de Sitges em Espanha. Aquele era (e é) um festival de terror e em conversa com duas pessoas, ela era belga e ele francês, debatíamos sobre a pergunta “O que é cinema Fantástico”, e neste seguimento, - um deles até tinha escrito um livro sobre cinema fantástico - chegamos à conclusão que o Fantástico não tem nada a haver com o terror, porque este está diretamente li-



© Memorabilia Studio

gado à realidade e tudo o que transcende a realidade, o imaginário, é que é de facto o fantástico. E foi dessa definição que trouxemos desse festival que surge o primeiro Fantasporto. Nós fomos buscar os filmes fantásticos portugueses que ninguém tinha visto, também filmes que já tinham estreado mas que poucos assistido, como a Guerra das Estrelas. Em 1982 já fizemos um Fantasporto mais competitivo, e começamos com uma mostra de sete sessões por dia. Fomos os primeiros a mostrar cinema Chinês, Australiano e Neozelandês. Ao fim de cinco anos já estávamos firmados nos festivais de cinema, foi uma coisa muito natural. O facto de ninguém recusar os nossos convites para participar, faz com que o Fantasporto seja melhor ano após ano.

Beatriz: Havia que fazer algo que não havia cá, seguindo a tendência da altura que era a descoberta do cinema fantástico. O primeiro Fantasporto, de 1981, não foi competitivo, mas já tinha a estrutura de um festival. Foi essa intensidade e excelente organização que valeu fama instantânea ao festival. O respeito internacional fez o resto. Fazer o festival envolve cerca de uma centena de pessoas... ou mais. Mas são precisas poucas para o idealizar. Felizmente, pertencemos a uma geração que viu filmes em sala. Sabemos a diferença entre o ecrã de uma sala e o de um computador. Não somos um festival de copos, somos um festival de cinema que respeita os filmes e os seus criadores.



© Memorabilia Studio

Aquando da criação do Festival de Cinema Fantástico do Porto trouxeram grandes filmes, ainda se recordam como foi a estreia em 1981?

Beatriz: Uma sensação nos jornais, aplausos vindos de todo o lado muito apoio das entidades, nomeadamente da Secretaria de Estado da Cultura, da Câmara Municipal do Porto da altura, e ainda da comunicação social.

O festival ainda é recebido com o mesmo entusiasmo?

Beatriz: O festival mudou em 40 anos, como todos. Sempre nos adaptámos à evolução da tecnologia. Mas o nosso papel de pioneiros, por exemplo a criar uma secção competitiva generalista num festival temático, a introdução de atividades paralelas correlativas ao cinema como exposições, concertos, conferências e debates, o facto de termos

sempre homenageado personalidades marcantes do cinema português, feito inúmeras edições de livros e filmes, ajudaram a manter o festival na crista da onda. Também as relações que criámos com distribuidores e produtores internacionais, o facto de trabalharmos com as escolas e universidades com cursos de cinema, entre muitas outras inovações, acabaram por nos dar a garantia de que o Fantásporto é respeitado e até admirado. Isso não quer dizer que sejamos os mais apoiados. Como em tudo em Portugal, há muita política e pouca cultura nos decisores. Mas temos espectadores fiéis há 40 anos, outros que entraram como estudantes e já fazem filmes que apresentámos no festival, várias gerações de cinéfilos, entusiastas vindos de todo o mundo atraídos com a lista impressionante de realizadores que descobrimos. É assim que se mede a importância de um evento destes.



© Memorabilia Studio

Como é que fazem para todos os anos inovarem e trazerem ideias e conceitos novos para o vosso festival da Invicta?

Beatriz: A delineação do programa é feita pelos dois. As retrospectivas ficam decididas e perante os filmes novos, nós podemos apresentar um programa novo todos os anos. Por exemplo, para um rapaz ou uma rapariga de 20 anos que não conhece os clássicos dos anos 30 ou 40 nós criamos a secção Fantas Classics e depois temos as homenagens a realizadores e personalidades que achamos importantes. Todos os anos é muito fácil variar.

Mário: Nós consideramos que os públicos vão mudando e já vamos na quinta geração de públicos de cinema e sentimos que nos últimos anos os miúdos que já ouviram falar no Fantasporto não fazem a mínima ideia do que é o Fantasporto. O nosso festival é inspirado nos melhores festivais que se fazem lá fora. E tentamos todos os anos inovar.

O Fantasporto tenta atrair o turismo, públicos jovens todos os anos, por exemplo os Erasmus. Nos últimos anos, os festivais e o cinema comercial assistem a um decréscimo significativo, de cerca de 30% de participação, porque todos os meses as pessoas têm 600 filmes para ver nas televisões. E, qualquer pessoa pode fazer streaming dos filmes, ou seja, pode ir buscar os filmes onde quiser e que tenha menos de 50 anos.

A edição deste ano realizou-se no Hard Club devido à pandemia. Como conseguiram gerir todas estas mudanças?

Beatriz: A nossa decisão era fazer online ou não fazer o festival. Nós tínhamos compromissos e apoio do ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual) para fazer o festival, bem como com os nossos patrocinadores. Nós fomos sempre adiando o festival (normalmente começa em finais de fevereiro ou inícios de março) e ninguém tirou os filmes do Fantasporto.



© Memorabilia Studio

Com alterações de datas e ajustes das normas do Governo, conseguimos dez dias de festival com espaço novo, os mesmos filmes de fevereiro e a mesma organização.

Mário: Tivemos muitas dificuldades, porque as pessoas tinham medo de sair de casa, os restaurantes estavam todos fechados... Apesar de tudo tivemos sala cheia com os lugares que estavam disponíveis.

Beatriz, durante a edição deste ano foi lançado o livro “fantasporto 40 anos – uma história de cinema”. Que balanço faz deste lançamento?

Beatriz: Sempre reuni material do “Fantas”, por isso tinha a base, mas faltava o resto, desde quantas pessoas nós descobrimos, as pessoas que passaram, enfim fazer um pouco de estatística sobre estes 40 anos e que explicasse a importância deste festival que tanta gente comenta no estrangeiro. O livro conta sobre as cartas que fomos recebendo ao longo destes anos, as críticas que fizeram do festival e isto diz muito mais do festival do que propriamente da listagem

de filmes que nós apresentamos. Para mim era importante registar todos os dados em papel e que as pessoas soubessem o que é o Fantasporto. O livro tem um trabalho gráfico fantástico do nosso filho João Dorminsky e a necessidade de comentar um evento que dura há 40 anos com as mesmas pessoas. O Fantasporto continua a viver quer na memória dos espectadores, quer das pessoas que estão no estrangeiro. Tenho muito orgulho em ter feito este livro.

Se tivessem de descrever a importância do Fantasporto para a cultura portuguesa, qual seria?

Beatriz: Temos a Medalha de Mérito Cultural do Estado Português e, portanto, devemos ter feito alguma coisa de jeito. Temos prémios vários, nacionais e internacionais. E, como temos uma visão alargada e integrada do cinema – as Artes e as Ciências do cinema entraram no festival desde a primeira edição – não duvido de que trabalhamos muito para levar a cultura portuguesa ao mundo. Não conheço outro festival português que tenha o nosso historial.



© Memorabilia Studio

Mário: Quando se olha para o cartaz nomeadamente para os filmes que serão exibidos, culturalmente o festival existe e de uma forma muito forte. É um evento cultural com o objetivo de levar o cinema que não é normalmente visto porque as pessoas não frequentam salas de cinema e esta é uma oportunidade de assistirem aos filmes. O Fantasporto é muito mais do que cinema, do que filmes é tudo o que está à volta, por isso, existem exposições. Nós alargamos o Fantasporto a tudo o que faz parte da vida e da cultura.

Gostávamos de saber a vossa opinião sobre a forma como o Estado apoia a cultura e o cinema em particular? Como está afinal a nossa cultura?

Beatriz: A cultura é muito protegida em Portugal pelos ló-bis que estão no poder, os grandes nomes são apoiados por Lisboa e os que estão fora da Capital não existem em termos de notoriedade. Por exemplo, quando se diz que um grande pianista ou cineasta tem de ir lá para fora ganhar prémios e voltar para cá para ser conhecido, isso não é bem assim

para toda a gente, porque depois não são apoiados e têm imensas dificuldades em serem produtores independentes. Os músicos portugueses, de música clássica quase não têm carreira em Portugal; e a música popular a mesma coisa. A nossa televisão favorece a música pimba em detrimento da boa cultura. Quando era miúda tínhamos peças de teatro que passavam na televisão, as grandes obras de cinema passavam na televisão. Era necessária uma regulamentação para manter o público culto, e em Portugal não se faz nada disso. Continuamos com uma população quase analfabeta, a maioria das pessoas está totalmente alheia a espetáculos, a cinema, teatro e música. Depois, temos a elite que é maioritariamente sediada em Lisboa que tem os apoios que precisa, que concorre e ganha prémios. A minha perspetiva é muito negativista e pessimista.

Mário: O cinema não existe a norte, salvo alguns casos de cineastas independentes, como é o caso do Luís Diogo. Tudo porque nem o Estado nem os órgãos de comunicação social divulgam a cultura e o cinema em particular. Os produtores



© Memorabilia Studio

culturais foram obrigados a ter que fazer publicidade, para conseguirem vender o seu produto, o que é verdadeiramente inacreditável.

Beatriz: Porque a acabou a crítica, de cinema, de teatro de música. Anuncia-se um grande concerto na Casa da Música, mas não temos um texto sobre isso. Ninguém aprecia o que se faz. As pessoas passam a ir aos eventos pelos locais e não pelos programas. Porque ninguém fala disto! Este esvaziar

da comunicação social em geral é muito grave, porque não se sabe o que vai acontecer e por isso não se ama o teatro, não se ama a música, não se ama a cultura.

Gostaríamos de agradecer a vossa simpatia de receber a Descendências Magazine e de nos dar esta oportunidade de conhecer internamente um festival e os seus fundadores.

Mário e Beatriz: Obrigada Nós!

M I G R A Ç Õ E S

Um novo recorde de estrangeiros a fixar residência em Portugal



Se tivéssemos de qualificar, numa só palavra, como tem sido 2021 até agora, acredito que a maioria das pessoas concordaria com “inesperado” ou “ansioso”. A pandemia da Covid-19 tem impactado vários campos da sociedade, da economia e da política a nível planetário. Em plena época de tremendo desenvolvimento tecnológico, de crescimento em diversas economias e de criação de novas políticas migratórias sustentáveis, este vírus veio modificar abruptamente o rumo que as pessoas e o mundo estavam a tomar no decorrer da última metade da década passada.

Se olharmos, por exemplo, para os dados estatísticos referentes ao fluxo migratório mundial, especialmente entre 2017 e 2019, verificamos que não só houve um aumento do número de migrantes, como vemos também que passou a haver uma maior diversidade de cidadãos do mundo a procurarem estabelecer raízes além-fronteiras. Em 2018 e 2019 Portugal foi o 8º país da Europa mais elegido como nova casa para cidadãos estrangeiros oriundos de todos os continentes e manteve-se no TOP 20 de países do mundo com mais imigrantes legalizados. E segundo os dados

do RIFA, em 2020 Portugal voltou a bater recordes no número de cidadãos estrangeiros residentes no nosso país. É certo que durante algum tempo a circulação de pessoas reduziu, a liberdade para nos agruparmos e reunirmos ficou condicionada e toda a nossa forma de fazer as coisas alterou-se ao ponto de ser quase irreconhecível. Embora mantendo o foco nos objetivos já traçados, e em recuperar as políticas e procedimentos estabelecidos antes deste vírus se ter espalhado pelos quatro cantos do planeta. Com as devidas medidas de precaução vimos turistas a visitarem a nossa solarenga costa e nosso verdejante interior.

Mas os novos dados que nos chegam, evidenciam uma outra realidade. Uma realidade que deve servir para nos sentirmos orgulhosos e motivados. Uma realidade de esperança e de resiliência. Segundo a agência LUSA, em 2020, o número de cidadãos estrangeiros a viver em Portugal aumentou pelo 5º ano consecutivo. Com um aumento de 12,2% comparado aos números de 2019, e com um total de 662 mil e 95 cidadãos com Título de Residência em Portugal, o ainda Serviço de Estrangeiros e Fronteiras registou novos recordes.

Contudo, mais do que o contínuo aumento de cidadãos do mundo que procuram o nosso país como nova terra onde podem criar as suas raízes, é verificar os países que agora, cada vez em maior volume, nos procuram para mais do que passar férias. O caso dos cidadãos britânicos é dos mais significativos, na medida em que passaram para o pódio das nacionalidades que mais deram entrada nos seus processos migratórios para Portugal (pós-Brexit).

Outros países como África do Sul, Índia e Rússia, são outros exemplos de países que nos deram novos residentes. Seja para criarem os seus próprios negócios, seja para investirem, seja para aproveitarem as suas reformas num país que lhes transmite segurança, estabilidade e excelentes condições de vida. Face aos tempos de incerteza que continuamos a viver, estes dados oferecem-nos uma convicção que acredito podem fazer toda a diferença na forma como nos percebemos enquanto país e enquanto povo: Portugal é um país de confiança, para hoje e para o futuro.

Confiemos nós também!



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Ação participativa da mulher

Dimensão e projecção como Conselheira do CCP



Na contínua interação do Ser Humano com seus semelhantes, a construção de paradigmas sociais surge ao longo do tempo em qualquer parte do mundo, e ao longo do tempo surgem valores e sonhos que têm sido a base para a sua reelaboração. Os sonhos são progressivos na conquista de sociedades justas e dinâmicas, com significados positivos e reais para o meio ambiente vivido.

É por isso que o papel das Portuguesas no mundo, torna-se interessante pelas suas próprias qualidades e virtudes, como ele é instigador para destacar a Comunidade Portuguesa. Permite que o mundo se transforme espontaneamente com as suas associações, mecanismos de representação, sempre com o objetivo comum, que é o de Portugal: aqui está o papel fundamental das mulheres como Conselheiras das Comunidades Portuguesas, na defesa dos seus direitos e para assegurar o papel de igualdade de género.

No Rio de Janeiro a Conselheira Maria Alzira da Silva, que chegou muito jovem ao Brasil, trabalha desde há muitos anos nas Associações portuguesas; da mesma forma partilha suas experiências no desenvolvimento de eventos culturais, gastronómicos, regionais e executivos, envolvendo também Ranchos Folclóricos, além de ser apresentadora do programa de rádio (desde 1975) dirigido à Comunidade com a intenção de manter vivas as tradições portuguesas.

Da mesma forma, a Comunidade Lusa da Argentina é representada pela Conselheira Maria Violante Mendes Martins, desde os 11 anos a viver no país do tango. E com o passar do tempo começa a participar na Comunidade Portu-
gue-

sa em diferentes cargos, sempre dando ênfase ao folclore português, além de presidir há anos o coletivo da “Mulher Migrante da Argentina”, todos com a intenção de manter vivos os costumes e raízes de Portugal.

Na Venezuela encontra-se outra lusodescendente, educadora, cantora e ganhadora de Festivais, a Dra. PhD. Maria Fátima de Pontes, que desde muito jovem explorou os contextos históricos, culturais, musicais e políticos de Portugal. Inserida na Comunidade do Oeste da Venezuela, ela iniciou sua trajetória em grupos folclóricos (desde 1974), nesse país que, desde 1945, recebeu imensa imigração portuguesa, a qual alcançou uma importante concepção económica, devido ao seu árduo trabalho. Contudo, há um regresso de pessoas, principalmente de 3ª geração, a Portugal devido à condição político-económica; por isso, à mulher portuguesa cumpre estar presente à frente das diversas instituições portuguesas existentes no país.

Assim, pela experiência acumulada ao longo dos anos, as Mulheres Portuguesas estão presentes e orgulhosamente eleitas como Conselheiras do CCP, e têm a convicção de continuar a trabalhar, pela igualdade dos direitos das mulheres, pela vontade – Ética e Solidariedade para conseguir as melhores soluções, e deixar respostas positivas, onde as mulheres são determinantes e exemplo para as gerações futuras. Por tanto, ser uma voz que se levanta sobre as necessidades e problemas dos cidadãos portugueses, residentes em cada um dos Países que representamos, ante o Governo da República de Portugal.



Maria Alzira
Conselheira das
Comunidades Portuguesas



Maria Violante
Conselheira das
Comunidades Portuguesas



Fátima de Pontes
Conselheira das
Comunidades Portuguesas

| ARTES E ARTISTAS LUSOS

Helder Wasterlain

www.codememoire.app



Vive e trabalha em Bruxelas desde 2012. Produtor e escritor do projecto Code Mémoire que recebeu um prémio pelo Ministério da Cultura Francófono – Fédération Wallonie-Bruxelles em 2019.

Na área da Dramaturgia escreveu: Disse-me que tinha um cu de bailarino (2020); Menu (2019) ; CRU – ZZZ – ARRR (2019); Já estive mais longe (2012), seleccionado para uma compilação da Revista Núa, Vigo, Espanha, que deu destaque aos novos dramaturgos portugueses; Um dia de raiva (2011) – vencedor do Prémio Fatal, atribuído pelo Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa; O Lar da Tosca, (2011); I’m so sorry karaoke (2010), IIª Mostra de Teatro de Peças de Curta Duração, organização Primeiros Sintomas; Benny Hall (2009); O Filho Pródigo, escrito conjuntamente com João Maria André (2008); Memórias de um pandeireta abandonado (2005).

Helder Wasterlain: actor, encenador, ilustrador e escritor. Em qual destes papéis se sente mais realizado?

Gosto do exercício de mudança constante.

Code Mémoire é um projeto artístico que visa promover a mediação entre o público e o património. Fale-nos um pouco deste projeto.

O projeto começou em Coimbra. A ideia do Code Mémoire é trabalhar territórios que tenham “alma” e que por razões já determinadas ou ainda indeterminadas sofrem de abandono ou estão a perder as suas origens

devido a processos vários como o da gentrificação. O nosso objetivo é trabalhar e criar territórios sensíveis. A palavra sensível tem duas interpretações: por um lado, problemático e por outro, capaz de criar sensações. E neste projeto as sensações são dadas através das histórias sonoras.

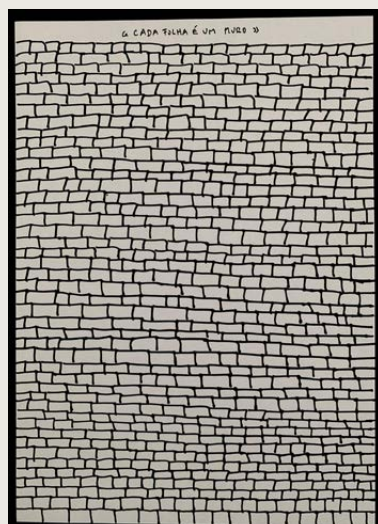
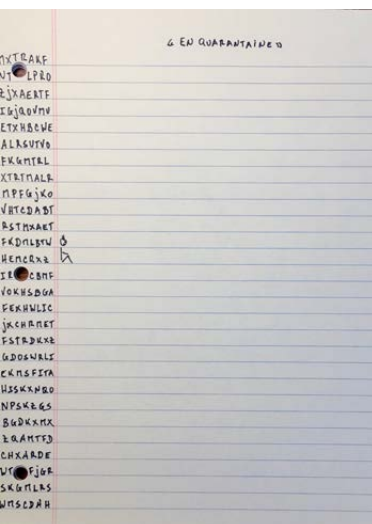
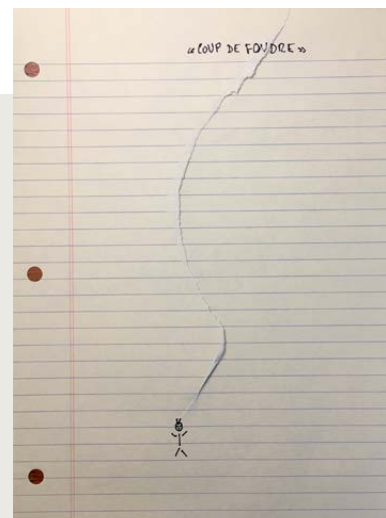
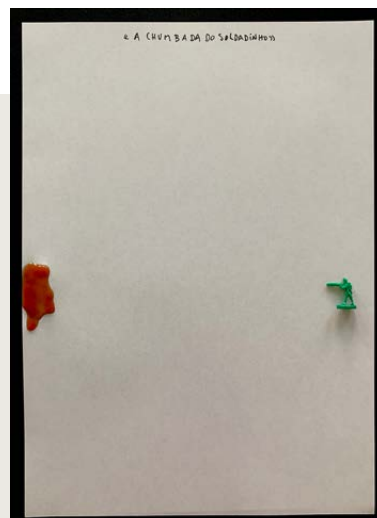
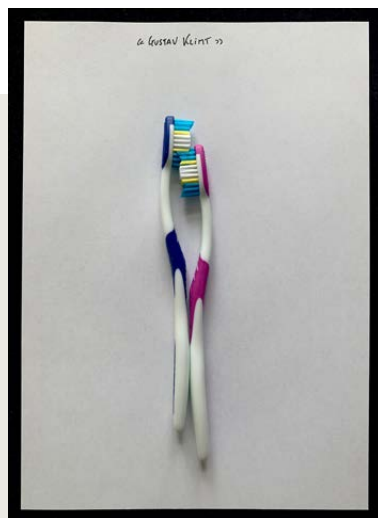
Foi o facto do seu pai ser Belga que o levou a ir viver para Bruxelas?

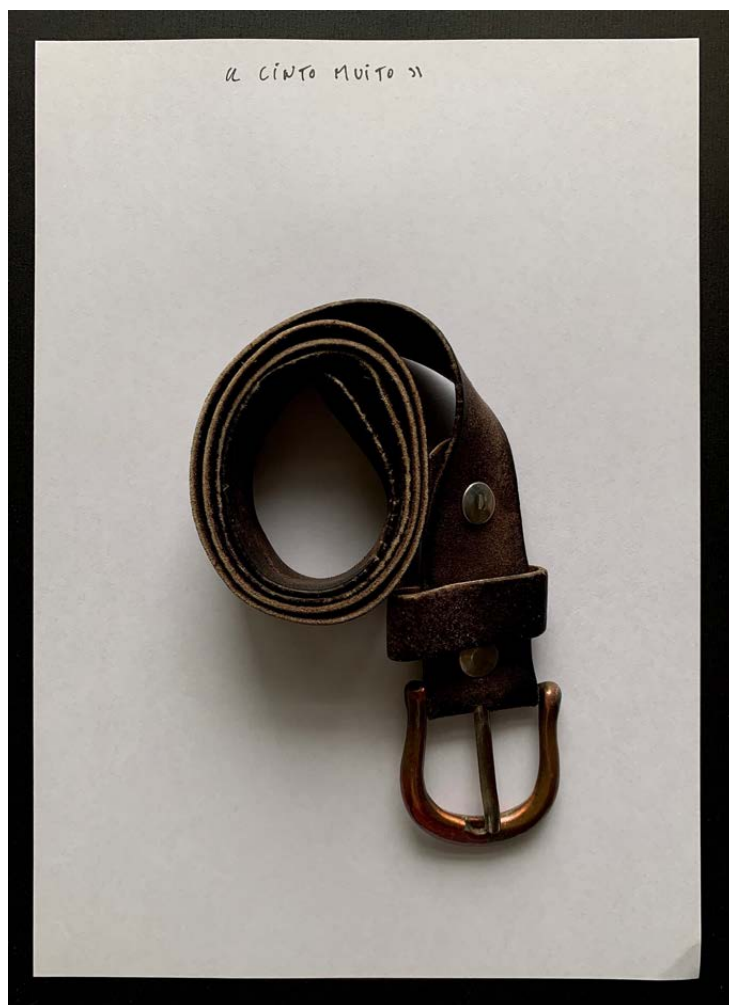
Não, foi o facto de José Sócrates, Pedro Passos Coelho e o FMI terem sido mandatados para dirigir o país.

É mais fácil ser artista na Bélgica do que em Portugal? Tem mais apoios do Estado?

Não é uma questão de país. Ser artista não é fácil em nenhum país. Tenho apoio do Estado Belga.

Quais as principais diferenças que encontrou ao nível artístico, nomeadamente adesão do público, divulgação pelos media dos eventos culturais, estruturas físicas – museus, teatros, salas exposições, etc – em relação a Portugal?





É mais fácil ir ao encontro das pessoas que dirigem as instituições. Basta um email; e as pessoas respondem aos emails, coisa que em Portugal... acho que se esqueceram.

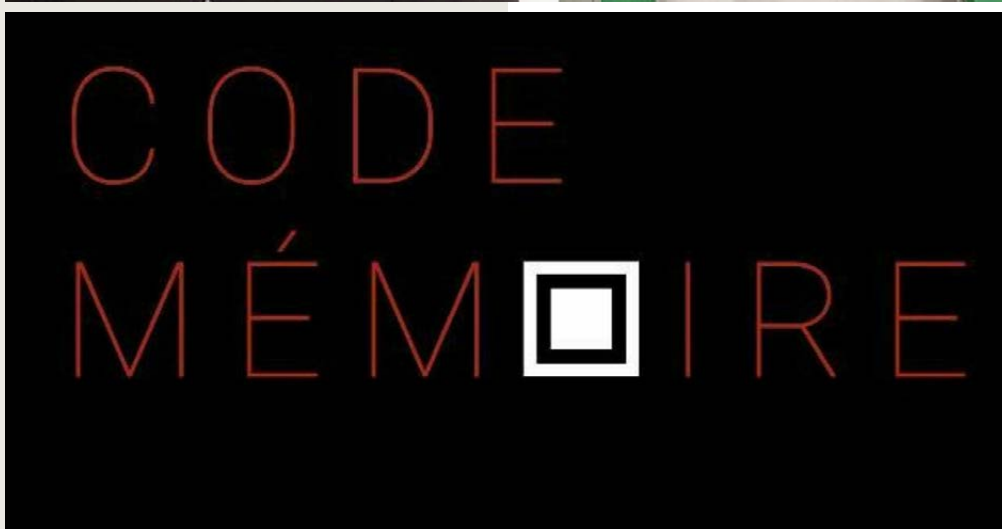


Uma página por dia durante 365 dias.
O que é o projeto “A4”?

É projeto de disciplina e um exercício de leitura aberto às inúmeras possibilidades criativas e de interpretação. A4 é sobretudo uma maneira criativa que encontrei para me dar mais trabalho.

Inevitável no momento que estamos a atravessar perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia?

Bem. Adorei estar confinado. Sou um ser confinado por natureza.



Quais são os seus projetos para este ano?

Muitos, mas dá azar falar de projetos futuros. Sou supersticioso.

Pensa regressar a Portugal?

Sim, tenho dois projetos para fazer lá. Um de teatro e outro associado ao Code Mémoire.

Qual é o seu maior sonho?

O Prémio Nobel.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Não tenho.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

AMBIENTE

Dos travões aos pneus

A poluição não termina com a abolição dos escapes!

Há quem pense que, com o advento das motorizações eléctricas, o problema da poluição provocada pelos veículos automóveis fica resolvida. Não fica! Não fica porque, por um lado, as baterias para os carros eléctricos necessitam de grandes quantidades de metais, cuja exploração mineira provoca elevados níveis de contaminação das águas, dos solos e do ar. Por outro, além da poluição atmosférica provocada pela queima dos combustíveis fósseis, em parte responsáveis pelas alterações climáticas e pelo efeito estufa, há que ter em conta uma poluição menos visível, mas



não menos preocupante – os microplásticos e outras pequenas partículas resultantes do atrito provocado pelos pneus no asfalto e pelo desgaste das pastilhas dos travões!

Importa ressaltar que, além da borracha natural, os pneus dos veículos automóveis são compostos por uma grande percentagem de plástico, conhecido como estireno butadieno, com origem nos combustíveis fósseis. Por cada 100 quilómetros percorridos, em média, são emitidos para o ambiente cerca de 20 gramas de microplásticos.

Uma grande parte desses microplásticos, assim como partículas provenientes do desgaste dos calções dos

travões acabam, invariavelmente, nos oceanos, não só por acção da água, mas também do vento, correspondendo a cerca de 28% dos elementos poluidores encontrados nas águas.

Um estudo publicado, recentemente, na revista científica *Nature*, refere quantidades astronómicas de microplásticos resultantes do tráfego automóvel, na ordem das dezenas de milhares de toneladas (entre 40 a 100 mil). Uma das principais conclusões é a seguinte: o transporte de microplásticos através das correntes de ar apresenta um impacto semelhante aos microplásticos transportados pelos rios. Ambas as situações são responsáveis pela elevada poluição dos oceanos devido



a estas partículas minúsculas. Este estudo vem contrariar a ideia de que os rios seriam a principal fonte de poluição dos mares.

Apesar de vários países e dos principais construtores automóveis estarem empenhados na transição da combustão para a electrificação, este tipo de poluição continuará, pois muito pouco estará a ser feito no sentido de a reduzir, até porque existe a percepção de que os pneus são feitos de borracha natural. Na verdade, actualmente, os pneus são compostos por 24% de borracha sintética e apenas 19% de borracha natural, além de metais e outros componentes. A sua construção provoca fortes impactes ambientais, desde a desflorestação até ao uso de combustíveis fósseis em grande escala.

Sobre a mesma temática, o Instituto Norueguês de Pesquisa Aérea refere que “um pneu de tamanho médio, durante a sua vida útil, perde cerca de 4 Kg em forma de microplásticos resultantes do desgaste provocado pela circulação.

Também a OCDE já encomendou um estudo sobre o tráfego

rodoviário, o qual concluiu que, este é responsável por 25% da poluição por partículas suspensas (PM10 e PM2,5) nas áreas urbanas do mundo.

Por seu lado, em 2017, a União Internacional para a Conservação da Natureza alertou para a necessidade de uma alteração profunda dos comportamentos da sociedade, desde os fabricantes aos consumidores finais. Quando um terço da poluição dos oceanos é composta pelos microplásticos provenientes dos pneus e dos têxteis, representando uma maior percentagem que os plásticos de grandes dimensões, algo precisa ser feito. Este tipo de poluição é muito nefasta, quer para os ecossistemas, quer para a saúde das pessoas, pela facilidade com que entra na cadeia alimentar.

Segundo esta organização ambientalista, a cada ano, crescem 9,5 milhões de toneladas de microplásticos nos oceanos. Soluções definitivas para resolver esta problemática parecem não existir, no entanto há formas de travar o seu crescimento, através de novos métodos de produção,



com materiais mais amigos de ambiente e da alteração dos comportamentos dos consumidores, consumindo menos, de uma forma mais responsável e reciclando os materiais.

Há, no entanto, melhorias a destacar, mormente, no que à reciclagem dos pneus diz respeito. Dados da USTMA – a Associação de Fabricantes de Pneus dos Estados Unidos – referem uma evolução considerável nos últimos anos. Em 1990, apenas 11% dos pneus eram reutilizados. Em 2017, essa percentagem subiu para 81%. Entre as várias utilizações, destaque para a utilização em parques infantis, materiais de construção e campos de jogos. Todavia, na percentagem desses 85% também se inclui a queima de pneus para produção de energia – o chamado: combustível derivado de pneus (TDF) – que provoca elevados níveis de poluição na atmosfera. Os restantes acabam em aterros.

Embora apresentando um carácter utópico, algumas medidas para minimizar este problema de poluição por microplásticos apresentadas por alguns peritos poderia passar pela substituição dos pisos das estradas, por outros com menor atrito e mais porosos e, ainda, por sistemas de recolha de microplásticos nos limites das vias de circulação.

Atualmente, cerca de 55% da poluição encontrada nas proximidades das vias de circulação não resulta dos gases emitidos pelos escapes e, cerca de 1/5 desse valor resulta do pó dos travões, que apresenta níveis semelhantes de perigo, quando inalado. Como medida de mitigação para este problema, vários académicos têm apresentado soluções de filtragem ou de recolha dessas pequenas partículas, com dispositivos acoplados junto das pastilhas dos travões, que prometem a recolha de até 60% dessas mesmas partículas. O material recolhido poderá ser usado na impressão 3d e como isolante acústico.

Concluindo, tudo leva a crer que, à semelhança do que aconteceu com a pressão mediática dos governos sobre a poluição provocada pelos escapes, tendo em vista a neutralidade carbónica, essa mesma pressão passasse a incidir, num futuro próximo, sobre os níveis de emissões de partículas provenientes dos travões e dos pneus, pois, a poluição provocada pelos automóveis não termina com os últimos sinais de fumo a sair pelos escapes...



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Uma canção para Margaretha

*Tu vens de terras de Holanda,
mas tens a carne morena.
E em vez de serena, branda
postura que o Norte manda,
teu corpo se desordena
à carícia, por mais branda ...
Tu vens das terras de Holanda ...*

*Eu venho de Portugal:
o mesmo é dizer que venho
de longe, do litoral,
e um sabor, no corpo, a sal
definiu meu Fado estranho.
Aqui me tens, donde venho:
Eu venho de Portugal ...*

*Trago nos lábios o Mar,
cheio de vento e de espuma ...
E tu mo virás roubar!
— Ai descampados ao ar,
onde houvera ventos, bruma! —
Com saudade hei de lembrar:
tinha nos lábios o Mar ...*

*Hei de lembrar e sofrer
o que for perdendo aqui ...
Mas um colo de mulher
tudo merece, e requer
o abandono de si ...
Quem me dera que por ti
Venha a lembrar e sofrer ...*

*Tu vens de terras de Holanda,
eu venho de Portugal:
cada um de sua banda ...
Sabe o Destino o que manda,
quer pra bem ou quer p'ra mal ...
— Não mais as terras de Holanda
e areias de Portugal!*

David Mourão-Ferreira in *A Viagem Secreta*, segunda edição
corrigida e aumentada, ne varietur, Edições Ática, Lisboa, 1958



LITERATURA PORTUGUESA

Eça de Queiroz I Parte

Do mais “alto lugar” queirosiano. Entre a ficção e a realidade

Percorridos os três quilómetros que nos trouxeram vagarosamente da Estação Ferroviária de Aregos até à Casa e Quinta de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, e descansando, agora, à sombra dos ramos da parreira que refrescam a esplanada natural do Restaurante de Tormes, apetece-nos, ainda, repetir o que Zé Fernandes e o seu amigo Jacinto iam murmurando, pelo mesmo caminho:

- Que beleza!
- Que beleza!

Poucas horas antes, ainda no comboio, ali para os lados da Régua e de Mesão Frio [o meu Príncipe] “murmurava, no seu primeiro encanto de iniciado: - Que doçura, que paz...” Estas exclamações de extasiados louvores à Natureza, a caracterizar e sublimar a paisagem duriense circundante, eram assobiadas pela companhia de um franciscano “irmão mel-ro”. E são elas da ordem da fantasia romanesca, mas não fique sem dizer que o autor de “A Cidade e as Serras”, quando subiu, ele próprio, as mesmas veredas para chegar à única habitação que, de sua propriedade lhe coube em vida, por via da herança da mulher, Emília de Castro, ocupada em Pa-



Luís de Lucena

ris com os “adorados meninos”, lhe escrevia, de seguida, nestes termos:

“St.^a Cruz é inteiramente de outra natureza. É extremamente belo. O caminho íngreme e alpestre da estação até à quinta é simplesmente maravilhoso.

Vales lindíssimos, carvalheiras e soutos de castanheiros seculares, quedas de água, pomares, flores, tudo há naquele bendito monte,” (Santo Ovídio, Porto, 28 de maio de 1892). Não é, porém, devido exclusivamente a este

paraíso da serra, que se ousa, neste apontamento, falar de um sítio especial na geografia da vida do escritor, ou de um significado particular para o romance referido, objeto de sucessivas e muito diferentes leituras, ao longo dos tempos.

Por certo, é consensual que, tanto na geografia da vida como, sobretudo na referência mais global da obra, é a cidade de Lisboa, metáfora de todo um país, que ocupa um lugar central, já porque na perspetiva de quem



lhe analisa criticamente os textos, é apontada como “a personagem capital das páginas queirosianas”, como, por declarações do próprio e testemunho de amigos – ao contrário do que, aqui e além, possa parecer – amou esta cidade, por onde muito gostava de passear, por exemplo, com um dos seus amigos mais íntimos:

“Alta noite, quando a excitação do trabalho e do café nos havia quase alucinado, saíamos pelas ruas desertas do Bairro Alto – ou estendíamos as nossas explorações à Mouraria, à Alfama, em volta da Sé e pelas encostas mouriscas e fadistas do Castelo de São Jorge, a examinar a fisionomia fantástica, e quase humana, das casas anti-

gas, algumas ainda então, nesses bairros mais ou menos medievais” (Jaime Batalha Reis, Introdução às “Prosas Bárbaras”).

Muitos outros são, porém, os “sítios” que, excluindo a análise literária mais englobante, da obra como um todo, ou daquilo que, decorrente dessa análise se convencionou, com maior ou menor justeza, designar das três ou quatro “fases” da mesma, nos podem acrescentar motivação à sua leitura, que é o mais desejável. A quem, justamente, pretende juntar ao simples prazer de ler, a compreensão mais funda do legado queirosiano, abundantes são os trabalhos académicos, em Portugal e no



Francisco Silva Gouveia

estrangeiro, a quem vamos acumulando a dívida de lançar novas luzes sobre os romances e outros escritos, como é, desde logo, e para referir apenas os tempos mais recentes, a “Edição Crítica”, sob a coordenação do Prof. Carlos Reis.

Desta “Casa”, entre seminários internacionais e Cursos de Verão, tem saído periodicamente a “Queirosiana” com estudos extensivos a toda a sua Geração.

Esta é, por isso, uma nota despretensiosa. Partilho com o leitor algo do que uma visita e um olhar sobre o horizonte desta esplanada – parte da antiga eira e logradouro do beiral da Casa, integrados no restaurante novo – onde um sem número de visitantes experimentou já o prazer simultâneo de como Jacinto ia “ressuscitando” para uma vida nova, o desfrute da paisagem que descreveu, como ninguém, e, por essa via, a antevisão do deleite de novas leituras.

E já cá voltamos, a muito do que nos diz dessa obra, todo este deslumbrante horizonte do “douro verde”, para referir que, antes, ou depois, ou – na impossibilidade de aqui chegar, de viatura, de comboio, de barco, ou a pé – podem os meus amigos, a qualquer hora, e em qualquer sítio, emprender uma viagem virtual por todos estes espaços, memórias e objetos, bastando para isso, ligar um computador ou um smartphone, logo no início do site da Fundação Eça de Queiroz.



Manuel Pereira Cardoso
Conselho Cultural da Fundação Eça de Queiroz



| SAÚDE E BEM ESTAR

As reações psicossociológicas às pandemias

Nestes 10.000 anos a Humanidade sofreu 2500 anos de Peste. Quando se estudam as pandemias, desde as primeiras até à mais recente, existe sempre uma procura de bodes expiatórios, cúmplices, teorias da conspiração que expliquem as mortes e o sofrimento.

A Peste mais grave foi a Peste Bubónica que se desenvolveu em três fases, das quais a segunda, a grande Peste Bubónica, foi a mais

grave, no sentido em que mais tempo durou, com cerca de 18 ondas, e em que mais mortes fez.

A primeira fase foi a da Peste Justiniana, que se iniciou no delta do Nilo e chegou a Constantinopla no fim de dezassete ondas no tempo do Imperador Justiniano.

A segunda fase, chamada da Peste Negra iniciou-se na Ásia e chegou à Europa depois de uma época chamada “a grande fome” e desenvol-

veu-se em dezoito ondas. Foi a mais grave das três Pestes Bubónicas. Foram produzidas pela bactéria *Yersinia Pestis*, que habitava na câmara visceral de uma pulga que era transportada por ratos, transmitida para os humanos e dos humanos para humanos. Atingiu o Ocidente em 1340. Viajou pelas grandes cidades, portos de mar, zonas mais miseráveis e evoluiu por dezoito ondas. Foi uma tragédia inimaginável pelo

número de mortos. A única defesa que existia naquela época era o uso de máscara e confinamento em casa.

A terceira fase desenvolveu-se nos séculos XVII e XVIII e com o mesmo agente contagiante. Surgiu na Ásia e avançou até à Europa, para as grandes cidades, e, como já tinha sido descoberto o Novo Continente, viajou nos barcos até S. Francisco. É a responsável pelo cerco sanitário do Porto, quando Ricardo Jorge, com receio de que a Peste chegasse a Lisboa, determinou o cerco da cidade e a população quis matá-lo, a incendiar-lhe a casa e a fazê-lo fugir para Lisboa.

Outras pandemias emergiram: a cólera, a varíola, a Gripe Espanhola a Tuberculose e depois todas as de natureza viral: o HIV, o Ébola, H1N1, H1N5, o MERS, o SARS.CoV1 e finalmente a atual, o SARS.CoV2.

A natureza da situação sanitária obrigava os Estados, principalmente na Idade Média, porque não existiam outros meios de defesa contra a infeção, a decretarem emergências que nem sempre foram aceites, independentemente da gravidade da situação, número de mortes e infetados, número de países ou de regiões atingidas.

Desde os tempos do Império Romano, Marco Aurélio, perante uma situação pestífera, a varíola, que invadiu o Império, considerou que os seus efeitos letais estavam relacionados com a maldade e traição dos que o rodeavam e mandou matar todos os que consi-

derou como inimigos.

Segundo as religiões praticadas nos países afetados, ou era pedido apoio ao Deus respetivo, cristão ou muçulmano, ou eram considerados culpados aqueles que não cumpriam as regras de comportamento decretadas por elas. Para além destas atitudes sociais, verificaram-se, em todos os tempos, reações contra as medidas impostas pelo poder vigente, interferência de ideias e comportamentos que tentavam inculcar, nas mentes dos cidadãos temerosos de morrer e de perder a sua família e bens, a crença da eficácia de ações miraculosas que as deixariam protegidas numa conjuntura autocrática ou ditatorial de abusos e desmandos de toda a ordem.

A Pandemia Justiniana levou Constantinopla a um quadro que se vai repetir ao longo dos tempos: a cidade estava deserta, os coveiros abriam valas para amontoar cadáveres e abundavam os saqueadores das casas de famílias ricas, cujos senhores e familiares, para escaparem à morte, as deixavam desprotegidas fugindo para as suas segundas e terceiras casas. Morreram os mais pobres. Os defensores das teses do crime e castigo acenavam com o castigo de Deus e instigavam à penitência dos homens.

A segunda peste bubónica, que funcionou com várias vagas, atingiu todas as classes sociais, embora com muito menor incidência na nobreza. Mais uma vez, as cidades tiveram maior

percentagem de letalidade e, em algumas recorrências, mais em jovens do que em idosos.

Portugal, governado pelo jovem rei D. Sebastião, aconselhado por médicos espanhóis, estabeleceu normas sobre como cuidar do abastecimento da cidade, limpar as ruas, queimar as roupas dos doentes, colocar navios de quarentena, enterrar os mortos em fossa com cal. Quem não cumprisse com estas medidas seria açoitado na praça pública e degredado para S. Tomé.

As consequências sociais na Europa são importantes. Com a mortalidade que a pandemia provocou, foi perdida mão-de-obra para os campos, o que causou uma subida do preço de quem neles trabalhava. Com a lenta diluição do feudalismo, deu-se a ascensão da burguesia à custa da queda da aristocracia latifundiária. O fenómeno das cidades-estado consagra, principalmente em Itália, a burguesia com poder bancário e comercial.

Além disso, as pandemias alteraram então as sociedades onde causaram muitas mortes. Ao acabar o feudalismo, o Poder Régio aumentou e a Europa foi lançada numa fragmentação de reinos, repúblicas, cidades-estados e novos Estados soberanos. O contributo da pandemia foi muito importante, porque, não só retirou mão-de-obra das classes dominantes, como agravou o sentimento de insegurança dos detentores do Poder assim propician-



do uma evolução social no sentido do desenvolvimento. Foi uma espécie de revolução ao retardador com mortos, talvez tantos como os duma guerra daqueles tempos, quando ainda não tinham começado os cuidados médicos.

É também o momento em que a Igreja entra em crise com o desaparecimento de párocos, que eram muito atingidos porque tinham que dar a extrema-unção aos moribundos e acabavam, quase sempre, infetados. Durante a peste estava criado o momento para a Igreja Católica do Ocidente sofrer a grave secessão com o Papa Clemente VII de Avinhão. Ambas as Cúrias são criticadas pela luxúria, riqueza ilícita que em tempos de Peste é objeto de avaliação tanto pelo povo como pela nobreza. A morte de párocos durante a peste, quer no contexto das suas funções, quer na infeção, dificulta o seu trabalho e obriga os Bispos a essa função, que se prestava a ser mortífera. Grupos contrários, de contestação ao poder das Igrejas e à sua falta de apoio numa situação de catástrofe, formaram autênticos bandos que criticavam o poder da Igreja e a sua incapacidade, por disfunção, de aliviar o sofrimento e a dor dos doentes. Estes grupos de contestação apregoavam o fim da era e a segunda vinda do Messias. O Papa Clemente VII declarou que eles eram hereges e como tal deviam ser castigados duramente.

Nesta fase, uma das grandes teorias da conspiração é a acusação contra os judeus, como causadores da peste, numa ação perspetiva de liquidação dos cristãos. A Peste mudou totalmente o poder dos Judeus, que antes eram protegidos pela Nobreza e que passaram a ser vítimas de chacinas e saques, apesar de o Papa de Avinhão condenar estes atos.

Tanto na Peste de 1350-1351 como na do século XVIII foram descritos casos de loucura e desequilíbrio mental. O livro de Daniel Defoe "A Journal of the Plague Year" ficou famoso na descrição nos comportamentos humanos: o medo, o sofrimento, a compaixão, a revolta e o caos que a Peste semeou na vida de uma cidade, Londres.

Duzentos anos depois, Albert Camus descreve no seu livro "A peste" um período de confinamento de uma cidade no Norte de África com os mesmos sentimentos de impotência, medo de morrer, exclusão e solidão, mas também com a descoberta de seres que, até então considerados pouco importantes socialmente, revelaram uma atitude social e solidária com perigo das suas próprias vidas. O único médico que existia na cidade ajudou as autoridades a tomar as medidas adequadas para impedir a propagação da doença. No século XX, com a existência de estruturas de saúde

como Hospitais e Sanatórios, a Tuberculose também foi objeto de manifestações sociais mas mais silenciosas e com afastamento dos doentes para locais considerados mais saudáveis, os Sanatórios, que eram construídos fora dos centros urbanos e na montanha. Finalmente, com o aparecimento dos antibióticos a Tuberculose começou a ser objeto de tratamento, prevenção e finalmente erradicada. Reaparece com a explosão de HIV na Europa e nos Estados Unidos, acompanhada de consumo de drogas.

O SARS-CoV 1 não dá lugar a manifestações públicas contra as medidas adotadas, dada a sua rápida resolução da parte do Governo Chinês. De resto, é fácil prever que não seriam toleradas e seriam objeto de prisão ou restrição de liberdade com o pretexto da proteção social sanitária.

A pandemia SARS-CoV2 ou Covid-19, pela sua extensão, rapidez de propagação e efeito surpresa, levou o Mundo a reações muito díspares: medo, recolhimento superior ao exigido pelas autoridades, explosão mediática, explicações científicas de uma situação sanitária por comentadores televisivos de áreas da política e, mais importante, colocou de joelhos as cadeias de transmissão que o sistema capitalista vinha utilizando para reduzir o preço da mão de obra e dominar o Mundo.

O facto de se saber muito pouco sobre o comportamento do Covid-19 contribuiu para o caos informativo. O momento de auge de comunicação permitiu que esta fosse destacada e provocasse vários tipos de comportamentos, entre os quais os de negação absoluta da existência da gravidade sanitária, inclusive negação feita por grupos médicos, contribuindo para este comportamento a baixa letalidade do vírus e as atitudes tomadas por países como a Suécia e a Inglaterra que combateram a pandemia apenas com algumas restrições e com delegação de capacidade decisória nos próprios cidadãos.

Nunca foram bem entendidas as razões para estas políticas, nem as próprias decisões bem explicadas, porque as sociedades do Norte da Europa são mais evoluídas, têm melhores condições de vida e sistemas de saúde mais robustos e, como tal, estão mais defendidas de “clusters” infecciosos, que não existem nos subúrbios das cidades.

A política de governos populistas como as do Brasil e dos EUA foi feita de decisões economicistas, cuja contrapartida foi um número substancialmente maior de infetados e de mortos. As eleições nos EUA conduziram a uma redução de mortes e vacinação com as medidas de controlo da pandemia, mas no Brasil a situação mantém-se, com carácter muito grave, com variantes e com incapacidade de imposição de medidas de proteção.

Outras correntes de opinião, porém, foram geradas: não existe negacionismo, mas as decisões políticas estão erradas e atrasadas em relação à progressão pandémica. Quanto a uns, estão erradas, porque decidem em bases economicistas e esquecem o valor da vida, a saúde, o risco de que tem que trabalhar em condições sanitárias mais perigosas; quanto a outros, há aproveitamento oportunista deste momento para negar direitos, liberdades e garantias e iniciar projetos que levam ao desemprego e aumentam o abismo social entre ricos e pobres, projetos de comando do Mundo pelos mais fortes, que podem fabricar vacinas contra um vírus e ainda podem, numa atitude solidária, contribuir para que todo o Mundo mais pobre possa ser vacinado. Esta atitude, curiosamente, nunca foi claramente avaliada face ao facto de que, num Mundo globalizado, todos tem que ser vacinados porque, se assim não for feito, todos serão novamente infetados. A imunidade da vacina dura alguns meses, os necessários para criar uma imunidade de cerca de 75% das pessoas, percentagem suficiente para poder aliviar os Serviços de Saúde.

Na Europa e EUA, ditos os países mais civilizados do Mundo do ponto de vista científico, assistimos a manifestações pela obrigatoriedade de usar máscara na via pública. Os que defendem o poder pelo poder não gostam de ideias peregrinas, superstições, ideias falsas nas massas que vão votar a sua permanência no poder.

Mas outras coisas mais graves têm acontecido durante estes períodos, que são uma mistura de confinamento, de medo de novas vagas e notícias do que se passa em outros países e continentes. Nunca o Mundo esteve tão transparente para a vivência de uma situação pandémica, classificada com sindémica, com inerentes alterações das



desigualdades e até agravamento do abismo social já existente.

A necessidade de encerramento das escolas -- porque as crianças e jovens têm um sistema imunitário que os defende da doença, embora possam ser portadores de cargas virais (mais reduzidas nas crianças até aos sete anos) e mais transmissores nos jovens para professores e pessoal auxiliar -- tem sido objeto de discussão, por se considerar que o teleensino significa um atraso na escolaridade e na construção do mundo social, que é feito nessas fases da vida. O teleensino e o teletrabalho associados às más condições socioeconómicas é mais um fator de divisão entre classes sociais em que os mais jovens podem sofrer um atraso na sua evolução, mesmo que por curtos períodos de tempo. Estão descritas depressões e tentativas de suicídio nos adolescentes. A violência doméstica aumentou em todos os países. Todas estas reações podem estar relacionadas com as medidas tomadas de confinamento, que tem um impacto negativo nas economias baseadas na produção e no consumo.

A excecionalidade da situação tem perigos políticos. Tem sido aprovadas leis com o objetivo de diminuir as

liberdades dos cidadãos, atrasar julgamentos e arrastar audiências de julgamentos de políticos ligados aos Governos atuais ou anteriores. Na Hungria passou-se a legislar por decreto, a corrupção aumentou mesmo nas democracias mais sólidas, a Bolívia atrasou as eleições presidenciais, no Brasil Jair Bolsonaro incitou a tomada de medidas sociais que evitassem o encerramento da economia. No Chile o exército saiu à rua para evitar manifestações anti-Governo, Israel fechou todos os tribunais, o que levou à não realização do julgamento criminal contra o Primeiro-ministro e finalmente ganhou as eleições tendo perdido um ano depois. Para esta vitória contribuiu a capacidade de ser um dos primeiros países a ter os seus cidadãos todos vacinados e poder inaugurar espetáculos presenciais. Na Jordânia foi aprovada uma nova lei que permitia prender quem disseminasse o pânico. Na China, Coreia e Singapura passou a existir controlo de telefonemas e contas bancárias. Podemos dizer que os autocratas são também uma pandemia, neste caso uma sindemia.

Algumas áreas foram atingidas com gravidade, provavelmente com incapacidade de resolução a curto prazo.

Todas as atividades que tenham por base a comunicação de pessoas e bens através do mundo globalizado ficou suspensa e a aviação civil vai levar uma década a recuperar. O setor da hotelaria e turismo foi um dos mais atingidos com a vaga de desemprego associada. Esta vaga de desemprego fez subir a pobreza e a desigualdade.

Só não vê quem está cego. Perante uma crise sanitária a que se junta uma crise económica e social com desemprego e fome, a verdade tem ser olhada com a capacidade de resolver a crise sanitária e impedir, tanto quanto possível, a crise social. Nesta guerra os soldados estão doentes e podem morrer devido a um inimigo invisível. O “Ensaio sobre a Cegueira” de Saramago foi artigo de abertura da Revista Lancet para mostrar ao Mundo que a crise sanitária era real, quaisquer que fossem as causas e origem, e tinha que ser combatida com os meios medievais e, à medida que a etiopatogenia do vírus fosse conhecida, com medidas terapêuticas. A utilização de testes para cortar as vias de transmissão não foi efetuada em todos os países como modo de combater as cadeias de transmissão e evitar “lookdown”, sendo que neste vírus foram mais importantes devido à presença de assintomáticos com capacidade infetante. A inexistência de uma vacina no início da pandemia levou a um trabalho intenso de colaboração de cientistas de todo o mundo, com a participação da logística dos Laboratórios da Indústria Farmacêutica, mediante acordos não suficientemente claros, com desconhecimento dos cidadãos, que são quem paga as vacinas sobre as “patentes”, ficando sempre dependentes da indústria farmacêutica num momento de crise mundial.

No fim do mês de Dezembro de 2020, as vacinas estavam na fase de aprovação das Autoridades Sanitárias dos países, principalmente os E.U.A e a UE.

Contudo -- talvez este o acontecimento mais importante --, as restrições impostas em períodos de algumas semanas oportunizaram um vitória demasiado curta para justificar o investimento nas alterações climáticas. A pandemia mostrou como, com algumas medidas, podíamos conseguir a regeneração de eco-sistemas que se pensavam em vias de extinção. Mostraram como a Mãe-Natureza é generosa com os humanos que estão a deixar o planeta morrer asfixiado. As sondas da NASA mostraram que cidades como Pequim e até Milão tiveram descidas históricas de consumos de CO₂, os animais voltaram a cidades desertas, os bambies a Madrid, os patos a Paris, animais selvagens em cativeiro acabaram por passear em cidades como a leoa que em Nova Iorque saiu do Jardim Zoológico.

Esta pandemia ocorre num Mundo globalizado mas também alargado na informação. Esta corre com a rapidez própria da era que vivemos, através das redes sociais que têm funcionado em pleno, como autêntico consultório de psicanálise, alimentado pelo medo, pela incerteza das condições de vida, pela possibilidade de encontrarem quem possa defender os próprios problemas com a aplicação de “post” com censura às medidas dos governos. Nas redes sociais tudo pode correr e ser lido por quem não se sabe quem é, o que faz e que interesses tem na vida e como vai ser utilizada a nossa informação, nem que seja um simples estado de alma.

Todas as grandes plataformas enriqueceram com a pandemia porque o Mundo passou a ser digital. A transição para o Digital foi feita em menos de um ano. Como fazer que ninguém fique para trás é outro problema, que vai levar mais tempo e seguramente muito sofrimento e exclusão social.

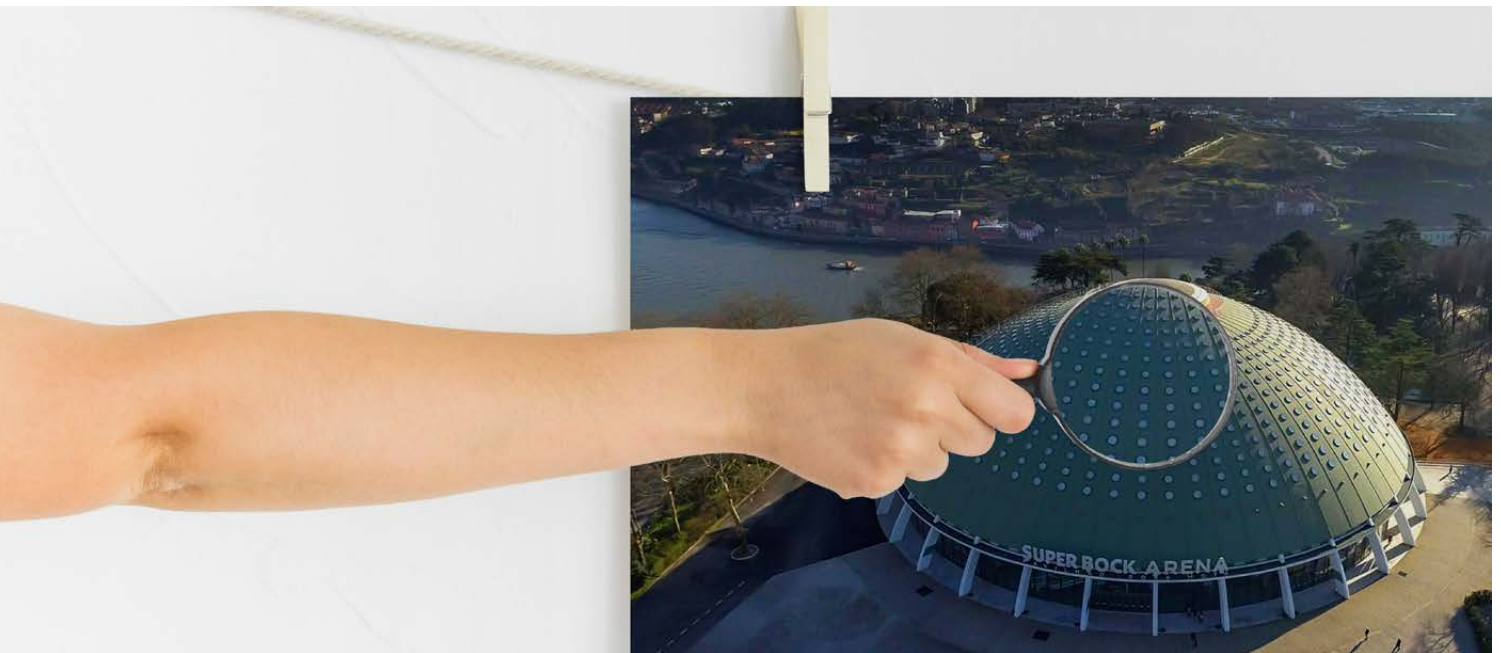


Ana Aleixo

Professora Universitária aposentada

| COM LUPA: CÁ DENTRO

O “Palácio de Cristal” e os seus belos jardins



Jardins do Palácio de Cristal

Na cidade do Porto, mais precisamente, na freguesia de Massarelos, encontramos a calma, o romantismo e a frescura nestes jardins, que ocupam uma área de 8 hectares, projetados pelo arquiteto paisagista alemão Émile David no contexto da construção do Palácio de Cristal. Todas as recuperações foram feitas visando a preservação do espaço original, mantendo-se assim o Jardim Émile David (com fontes e 4 estátuas representativas das estações do ano) e as Avenidas das Tílias (na qual se encontram a Biblioteca Municipal Almeida Garret, a Concha Acústica e Capela de Carlos Alberto da Sardenha) e dos Plátanos. Aconselho a visita à Biblioteca, já que esta tem uma enor-

me qualidade arquitetónica e se encontra vocacionada para todas as idades. Conta com um balcão de atendimento, uma sala de leitura e de leitura infantojuvenil, uma sala multimédia, uma sala unicer, um auditório e uma cafetaria. Pode por isso, disfrutar da leitura de alguns livros, trabalhar nos computadores de forma gratuita com acesso à Internet, e fazer uma pausa na cafetaria para relaxar. Saindo da biblioteca e continuando o seu percurso ao longo dos jardins, irá reparar que foram desenhados e pensados de forma estratégica, representando inclusivamente diferentes temas: Jardim das Plantas Aromáticas; Jardim das Medicinais; Jardim dos Sentimentos (inaugurado em 2007) e Jardim das Cidades Geminadas (inaugurado em



2009). Será por isso um passeio que lhe despertará sem dúvida diferentes emoções!

Em termos de Flora, encontram-se discriminadas várias espécies deslumbrantes, que lhe permitem ter um contacto diversificado com a natureza: *Acer* (*Acer negundo*); *Tulipeiro da Virginia* (*Liriodendron tulipifera*); *Camélias*; *Araucaria* (*Araucaria Heterophylla*); *Tília* (*Cordata*, *Platyphyllos* e *Tomentosa*); *Palmeira* (*Washingtonia Robusta*) e *Metrosidero* (*Metrosidero excelsa*).

Além disso, embora antigamente existissem mais espécies animais a passearem pelos jardins, já que nos prin-

cípios do século XX constava deste espaço um pequeno jardim zoológico com macacos e leões, por exemplo, atualmente é possível encontrar pombos, patos, gaivotas e inúmeros pavões que percorrem o espaço com total liberdade, pelo que pode aproveitar os bancos de pedra e sentar-se observando essas aves extraordinárias a passarem à sua volta.

Se gosta de fazer piqueniques com a sua família, é também o espaço ideal, já que existe uma zona de merendas e mesas e bancos de pedra, para que se possa instalar com todo o conforto ao ar livre. Além disso, os mais novos



podem ainda brincar no parque infantil que aqui se encontra, com escorrega, zonas para trepar, três varandins e uma ponte. E não se preocupe com as condições e a segurança das suas crianças, já que este parque foi renovado em 2018, com novos equipamentos.

Junto aos Jardins, pode visitar também a Casa Tait e a Quinta da Macieirinha que engloba o Museu Romântico. Começando pela Casa Tait (também conhecida como Quinta do Meio), esta é atualmente um espaço verde público, em que podem admirar-se coleções sublimes de camélias, rosas, uma magnólia de flores brancas grandes (*Magnolia Grandiflora*) e o sumptuoso tulipeiro da virgínia (*Liriodendrum Tulipifera*), classificado como de interesse público desde 1950. Antigamente esta servia como residência de várias famílias inglesas, sendo a partir de 1900 do negociante ligado ao vinho do Porto e estudioso da fauna e da flora, William Chester Tait, do qual deriva o nome.

Passando à Quinta da Macieirinha, encontra-se o Museu Romântico que reproduz uma residência burguesa do século XIX. No seu interior destacam-se a singularidade

e expressividade romântica dos variados espaços, com mobília e quadros da época. A visita é belíssima, já que é possível entrar por exemplo no grande salão adornado imponentemente e na sala onde o Rei Carlos Alberto de Sardenha faleceu, em 1843, vítima de tuberculose.

Palácio de Cristal

Já percorreu os jardins, e agora o palácio? Onde está? Parece estranha esta referência ao mesmo, quando visitando se apercebe que se trata de um edifício com um letrreiro a dizer Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota. De facto, hoje em dia o palácio é apenas uma memória distante, embora ainda seja erroneamente utilizado o termo para designar o atual espaço, possivelmente, devido à contestação e recusa de aceitação da demolição do mesmo. Inicialmente concebido para albergar a Exposição Internacional do Porto, este foi inspirado no Crystal Palace de Londres.

Tratava-se por isso de um edifício em granito, ferro e vidro, com 150 metros de comprimento e 72 metros de largura dividido por três naves.



Aqui realizaram-se inúmeras exposições e concertos de nomes destacáveis da música como do compositor Vianna da Motta e da violoncelista Guilhermina Suggia. Consta-va inclusivamente um órgão de tubos que era considerado um dos maiores do mundo!

Contudo, quando em 1952 foi anunciado que seria o Porto a cidade que acolheria o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, este foi demolido para dar lugar a uma nave de betão armado - Pavilhão dos Desportos, atual Super Bock.

Arena – Pavilhão Rosa Mota

Embora, o Palácio de Cristal fosse uma construção única que certamente todos iriam gostar de conhecer, a verdade é que a Arena é também fascinante, encontrando-se dotada de uma acústica de referência, uma emblemática cúpula, uma incrível variedade de espaços de restauração e uma capacidade para acolher até 8000 pessoas, em eventos culturais, desportivos, empresariais e de entretenimento.

Por fim, é completamente obrigatório que experimente o novo miradouro de 360 graus da Arena, que lhe permitirá obter uma perspetiva singular do Porto como nunca antes teve, a partir do alto da cúpula! Além disso, pode ainda percorrer todo o interior do edifício, enquanto tem uma visita guiada de enorme qualidade e simpatia, na qual fica a conhecer to-

dos os pormenores da história da sua construção, bem como aspetos marcantes do mesmo, tudo por apenas 12,50 € por pessoa. A duração de toda a experiência é de 40 minutos, sendo pedido que chegue 15 minutos antes. Pode participar de 1 pessoa a 13, com idade mínima de 12 anos. Quanto à aquisição dos bilhetes, pode efetuar na bilheteira do Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota, nas lojas físicas aderentes e no site: <https://ticketline.sapo.pt/evento/porto-360-br-super-bo-ck-arena-55439>

Como chegar

Para chegar até aos Jardins do Palácio de Cristal e ao Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota, dispõe de inúmeros transportes, já que se trata de uma localização privilegiada, no coração da cidade.

De metro, tem as estações da “Casa da Música” e da “Carolina Michaelis” que ficam muito próximas, a cerca de 1,5 km do local; de autocarro tem inúmeras opções da STCP, com a paragem mais próxima “Palácio”; de táxi, bolt, cabify, kapten ou uber; de comboio, sendo a estação mais próxima “São Bento”, a cerca de 1,7 km.

Coordenadas GPS

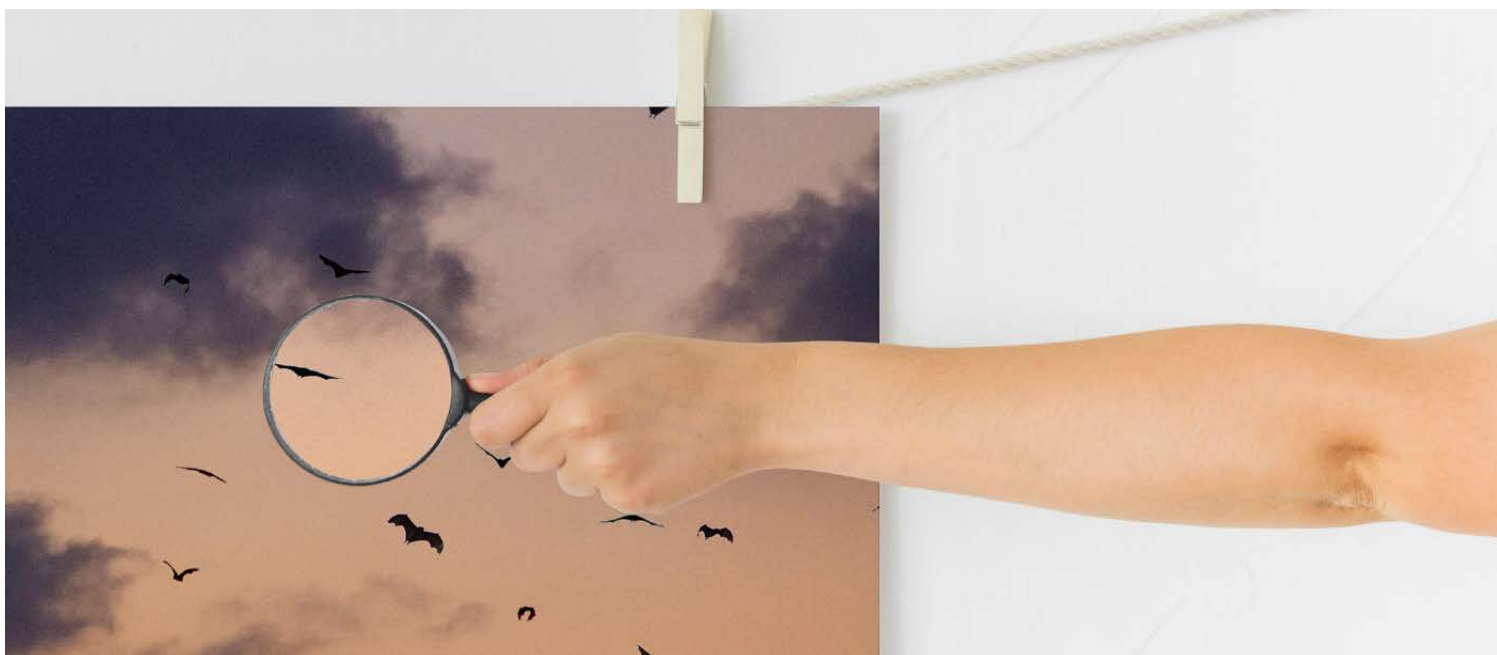
Arena: 41.146892,-8.625894

Acesso aos Jardins: 41.148491,-8.625350

| COM LUPA: LÁ FORA

Roménia

Por terras do Conde Vlad Drácula



A visita à Roménia poderá levantar algumas incertezas, sem dúvida que estamos perante um destino turístico invulgar, todavia a curiosidade aguça a alma do viajante.

A viagem prossegue até esta nação dos Balcãs, do Leste Europeu limitada por um conjunto de países, nomeadamente, Hungria, Ucrânia, Moldávia, Bulgária, Sérvia e banhada pelo Mar Negro. Uma análise etimológica da palavra Roménia, significa terra dos Romanos e antevê as influências de uma outrora grande nação Romana.

No ano de 513 a.C., o território atualmente conhecido como Roménia, seria habitado por um povo conhecido como os «getas», estes tinham como origem uma pequena tribo vinda da Trácia habitando a região que à época era conhecida como Dácia. A consequente expansão do império Romano tornou esta zona alvo de diversos conflitos armados entre tribos e as

forças do imperador Júlio Cesar, que viria a falecer sem garantir o controlo desta região. A organização Romana prevaleceu sendo que apenas em 106 d.C, o imperador Trajano conseguiu estabelecer o controlo da região. A permanência dos romanos e consequente romanização, daria origem à língua romena. Todavia a queda do império romano e as sucessivas invasões de outras tribos fez como que administração romana, apenas dois séculos depois, tenham abandonado a região. O período Medieval foi igualmente conturbado com diversas invasões dos Eslavos, Búlgaros e Magiares. Durante este período, foram criados diversos estados locais, sendo os principais Moldávia e Valáquia e Transilvânia, regiões sob controlo Turco-Otomano. Sucederam-se diversos períodos de soberania Húngara, culminando em 1699 com a integração no império Austríaco. Em 1877, a Roménia obtém a inde-

pendência após uma longa disputa territorial entre Turcos, Romenos e Russos. No ano de 1981, é coroado o primeiro Rei Romeno Carlos I. O território romeno ainda excluído de algumas regiões, como Transilvânia, Bessarábia só após o fim da Primeira Guerra Mundial, e consequente queda dos impérios Austro-húngaro, escolheram a unificação com a Roménia, resultando na denominada Roménia-Maior. Mas esta terra de conflitos não ficaria por aqui. Durante a Segunda Guerra, parte do território a leste foi anexado pela Rússia e a consequente invasão alemã levou a uma anexação Húngara, nomeadamente a zona da Transilvânia. Com o final da Segunda Guerra Mundial, a Transilvânia regressou ao domínio Romeno, embora algumas regiões nunca mais tivessem sido recuperadas. No início dos anos 60, o governo comunista romeno conseguiu assegurar alguma independência da União Soviética, tendo elegido o último grande ditador Europeu Nicolae Ceausescu que só viria a ser derrubado por uma revolta popular em 1989.

A história conturbada da Roménia, poderá assustar o viajante mais inusitado, todavia a chegada à capital Bucareste via aeroporto Otopeni, transparece completamente o contrário. A capital romena longe dos traços comunistas, revela uma edificação europeia longe das congêneres do Leste. O espanto é tal que por momentos pensei estar em França e não estaria muito errado não fosse arquitectura da cidade influenciada pelo urbanismo Francês, tendo-lhe sido inclusive granjeado o apelido de “Bucareste – Pequena Paris do Oriente”. A vida em Bucareste é semelhante a qualquer cidade cosmopolita europeia; convido os viajantes a imiscuírem-se pelas ruas da cidade, repleta de jardins, fontes e pequenos estabelecimentos comerciais. Alguns estabelecimentos de recôndita entrada, escondem o esplendor de uma vista sobre a cidade. Recomendando efetivamente uma visita diurna e noturna a um bar panorâmico sobre a Bucareste, o por do sol sobre os telhados cobertos de metal são um verdadeiro espetáculo visual. Excluindo o centro histórico de Bucareste, falamos de uma cidade com uma dimensão considerável pelo que recomendo como meio de transporte preferencial, o uso de plataformas digitais, excluindo os táxis devido aos inúmeros relatos de problemas.

Parque Herastrau

Localizado a norte da cidade de Bucareste encontra-se o verdadeiro Oásis da cidade, o parque Herastrau foi construído no período de 1930-1936 em torno de um lago pantanoso. Em

redor do lago, os jardins foram crescendo, servindo a população local para prática desportiva assim como um simples passeio. A viagem em torno do lago poderá demorar algumas horas, mas a cada abertura a vista sobre o lago é deslumbrante, para os mais aventureiros/românticos existem embarcações que permitem atravessar o lago. No interior do parque existe um jardim japonês que de certa forma nos transporta para aqueles parques coloridos de flores nipónicas.

Museu das Vilas – Muzeul Național al Satului

Nas imediações do parque Herastrau encontra-se o denominado “Village Museum” um dos mais representativos museus estenográficos da Roménia. De uma forma sucinta trata-se da recreação de habitações típicas «272 Habitações» de agricultores e famílias de toda a Roménia. Inaugurado no ano de 1936, esta recriação das habitações é obra do sociólogo Dimitrie Gusti tendo sido atribuído o seu nome ao museu. Este inusitado espaço é efetivamente imperdível, sendo possível observar diversos tipos de habitação e seus interiores, contemplando a forma invulgar como se vivia nas diferentes regiões da Roménia.

Palácio Mogoșoia

Situado a 15 km dos limites da cidade de Bucareste podemos visitar o Pálacio Mogosoia, trata-se de uma obra-prima de arquitectura bizantino romena. Construído em 1706 pelo governante da Valáquia Constatin Brâncovenau, viria albergar diversos elementos da família real. Neste museu poderemos revisitar a história das três regiões que deram origem à Roménia, nomeadamente: Transilvânia, Moldávia e Valáquia. Nas salas de exposição podemos compreender a arte militar por detrás das batalhas contra o império Otomano-Turco. Este palácio, revelou-se como uma verdadeira pérola escondida, caracterizado por uma arquitectura peculiar que contrasta com a vida repleta dos jardins circundantes. O jardim do palácio acerca-se de um lago repleto de vida que torna toda esta conjectura idílica.

Mosteiro Stavropoleos

Situado no coração de Bucareste, em pleno Séc. XVIII, foi edificado o Mosteiro Ortodoxo de Stavropoleos. O nome Stavropoleos é uma versão romena de uma palavra grega Stauropolis, que significa “A cidade de Cruz”. Atualmente, no local

do mosteiro apenas podemos visitar a igreja de Stavropoleos construída após dissolução do mosteiro, todavia ainda é possível observar algumas edificações nomeadamente um claustro e um conjunto de pedras ornamentais que engrandeciam este monumento.

Palácio do Parlamento - Palatul Parlamentului

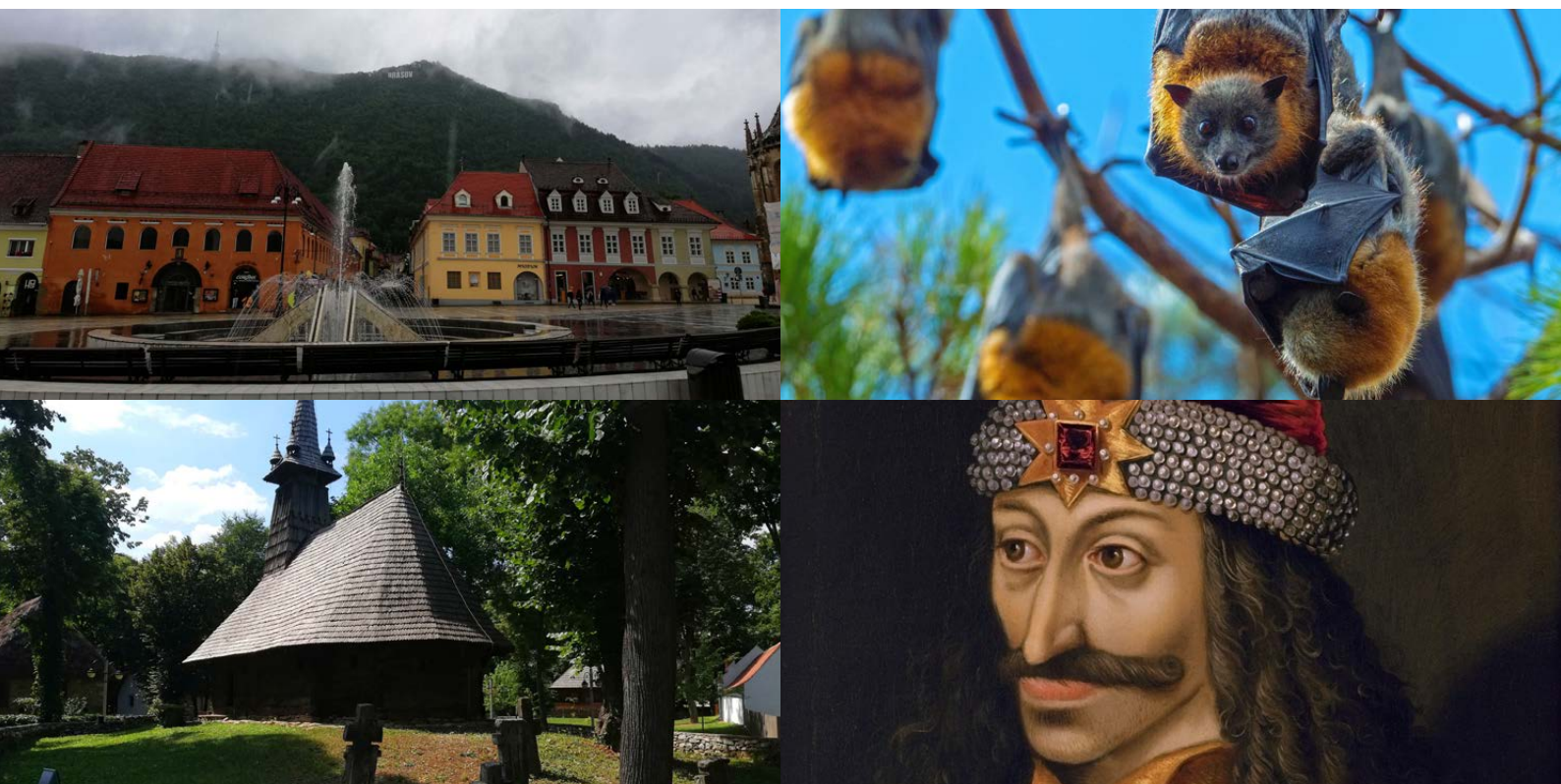
O Palácio do Parlamento, construído a pedido do ditador comunista Nicolae Ceausescu, caracteriza-se por uma obra de extremos. Falamos do maior palácio do mundo, maior edifício administrativo do mundo que alberga os diversos órgãos políticos e governativos da Roménia. Por outro lado, representa um período de fome, opressão política e condicionamento da liberdade. Considerado uma obra onerosa, ainda no período de opressão, teve por diversas vezes os trabalhos interrompidos por falta de financiamento. De arquitectura moderna, destaca-se pela sua dimensão e localização numa das colinas da cidade. Recomendo uma visita, após o pôr do sol, nas imediações do palácio na praça Uniri, onde existe uma fonte devidamente iluminada que eterniza uma visão mais alegre para o atual palácio do parlamento. A cidade de Bucareste é uma verdadeira caixa de surpresas, caso disponha de tempo e disponibilidade, recomendo ainda visitas ao “Romanian Athenaeum”; “Parque Cismigiu”; “Basilica de

Sfântul Anton”; “Praça da Revolução” e “Biserica Sfântul Gheorghe Nou”.

Partimos de Bucareste rumo ao ex-libris de qualquer viagem à Roménia, trata-se da imprescindível visita aos castelos históricos. A viagem é longa através das montanhas dos Cárpatos, todavia a paisagem é sem dúvida recompensadora.

Sinaia - Castelo de Peles - Castelul Peleş

O castelo de Peles, situado nas imediações da cidade de Sinaia, no sopé de uma cordilheira montanhosa, é atualmente o segundo museu mais visitado da Roménia. O clima nos Cárpatos é instável, e à chegada a beleza do castelo sobressai no meio de nevoeiro místico. O cenário idílico transporta o viajante para um cenário que exalta a história, arte e natureza. O castelo de Peles, assemelha-se a um palácio e terá sido construído em 1873 pelo príncipe e futuro rei da Roménia Carlos de Hohenzollern. As filas para acesso ao interior são extensas, sendo apenas autorizada a visita em grupo e mediante guia. O tempo de espera até à entrada poderá ser aproveitado a observar os jardins circundantes magnificamente ornamentados com esculturas gárgulas, outras figuras mitológicas etc. O Castelo é caracterizado pelo número elevado de divisões; nele podemos observar os entalhes em madeira, os candeeiros de cristal, assim como mobiliário da





época usado pela realeza romena. O estilo arquitetónico de cada sala é único e assenta numa mescla de inspiração romântica, renascentista e gótica. Cada sala, apresenta uma temática própria e a sua decoração destaca as diversas influências preconizadas à época, nomeadamente, Mourisca, Turca, Francesa, Florença e Austro-húngara.

Brasov – Igreja Negra – Biserica Neagră

A cidade de Brasov, representa o coração da região denominada como Transilvânia, cercada por uma cordilheira montanhosa e é conhecida pela sua construção emuralhada. No seu interior podemos contemplar uma praça principal circunscrita por edifícios coloridos ornamentados de acordo com o estilo Barroco. Percorrendo a praça principal, vislumbramos a torre da famosa Igreja Negra, o seu estilo icónico gótico é inconfundível, e no seu interior destaco a maior coleção de tapetes turcos fora de território turco, assim como diversas esculturas.

Castelo de Bran – Castelo do Drácula – Castelul Bran

Localizado na antiga fronteira dos reinos da Transilvania e Valáquia, o Castelo de Bran, conhecido como o Castelo do Drácula é o mais popular monumento da Roménia. Edifi-

cado entre 1377 e 1388, o castelo terá servido como inspiração ao escritor Bram Stoker na criação de uma das lendas mais populares de todos os tempos, o Terrível Conde Drácula. A subida até ao castelo é intensa, o seu interior revela corredores estreitos que nos conduzem de sala em sala. No decurso da visita poderá observar numerosas peças de mobiliário medieval, assim como utensílios da época. Uma das salas é dedicada á lenda do Conde Vlad, o Empalador, e ao mito de Drácula, sendo que nela poderemos observar diversos objetos tenebrosos usados na tortura daqueles acusados de heresia.

A visita ao castelo do Drácula acompanhada de uma boa “história” deixa aberta a porta ao imaginário, a dúvida persiste será que o Vampiro Drácula existiu ou é apenas uma produção da ficção?

A Roménia, um destino desconhecido e longe da massificação turística, é sem dúvida uma agradável surpresa. Uma capital com uma história marcada por diversos conflitos armados, levar-nos-ia a pensar numa consequente frieza, mas não poderia estar mais enganado o povo Romeno é saudosos e sabe receber o viajante.

Visitem a Roménia e sem o receio de uma “Mordida Vampiresca”!



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

O intrincado mundo dos vinhos

O cliente chega ao supermercado e observa rapidamente a mancha de vinhos nas prateleiras. Vê menos marcas conhecidas, daquelas que pontuavam a sua memória desde sempre. Mas vê inúmeros vinhos em promoção. As marcas soam a qualquer coisa muito próxima, talvez já tivesse ouvido falar, ou até provado: Mula Velha, Coutada Velha, Pêra Grave, Pêra Doce... Tudo marcas diferentes, mas familiares. Serão parentes do Barca Velha e do Pêra Manca? Muitos deles são Premium, Signature. E também existe a versão das marcas próprias feitas por enólogos sonantes. Todos parecem

especiais, com os seus rótulos clássicos, bem desenhados. E as promoções são imperdíveis: vale a pena comprar uma caixa inteira, se o ordenado tiver sido recebido nessa semana. Um vinho que custa €12,00 e está na prateleira a €3,00? É levar.

Esses clientes não vão a garrafeiras. Parecem-lhes muito caras. E os vinhos são iguais e não têm estas promoções fantásticas dos supermercados. O “comércio local não consegue competir com as grandes superfícies”; “nas garrafeiras só fazem desconto a clientes fidelizados, que aparecem muitas vezes para comprar”; e “bem podem

fazer descontos porque têm margens enormes”. Depois, fazer perguntas a quem sabe é quase assumir uma espécie de incompetência. Aprender sobre vinhos, quando se bebe desde sempre na adega da aldeia onde se nasceu? É desistir da sua própria identidade. Afinal de contas, todos somos especialistas em Portugal: sabemos tudo sobre política e futebol. Somos muito melhores gestores do que aqueles que realmente têm de gerir... E somos portugueses, pelo que nascemos demolidos em sopas de cavalo cansado. Conhecemos tudo sobre tudo. E ainda mais sobre vinho. Claro.

Para esses clientes, os produtores têm uma vida de rei. Vivem em boas casas, passam o dia em almoços e jantares com os amigos. Fartam-se de viajar. E depois querem ser ricos, à custa das “margens brutais” que praticam. São os “Senhores das Quintas” e dos “Solares”. Ninguém se lembra já do que o seu Pai ou Avô passava por ter que cuidar das vinhas. Para alguns, o vinho nasce em garrafas – da mesma forma que a carne é criada já fatiada, em embalagens fechadas a vácuo, fáceis de arrumar no frigorífico.

Enquanto isto se passa, o produtor acorda às 06h00 da manhã, todas as manhãs.

Há alguns anos começou a analisar os solos. Teve que decidir o porta-enxerto adequado: nem todos os tipos de raiz se adaptam às necessidades daquele perfil de terreno. Trabalha anualmente a terra com matéria orgânica e há sempre correcções a fazer: azoto, potássio, fósforo, magnésio, boro... De cinco em cinco anos faz tratamentos com calcário, para combater a acidez do solo. Plantou trevo entre as linhas: o material vegetal favorece o equilíbrio do habitat. As castas que tinha plantadas nas vinhas velhas eram fantásticas, mas produziam pouco. Como o mercado exerce uma grande pressão sobre o preço, quando plantou as vinhas novas adoptou castas internacionais, mais produtivas. Mas pelo menos uma delas nem sempre amadurece bem: ou castiga os lotes ou tem de contratar mão-de-obra extra para fazer a vindima mais tarde. Depois de muitas conversas com engenheiros e especialistas, também seleccionou os melhores clones de algumas castas nacionais, para ver qual seria o resultado no seu terroir. Contratou um enólogo com provas dadas, mas o resultado nem sempre é brilhante. Há imponderáveis climatéricos que obrigam a uma adequação enológica. E a um aumento não previsto do investimento, claro. O problema é quase sempre a quantidade de cubas

para armazenar os vinhos que demoram a ser engarrafados e vendidos. Isto, nos anos bons; nos outros, o problema é mesmo a falta de uva. Envelhece os seus melhores néctares em barricas francesas. Mas a falta de mão de obra na adega é um problema recorrente. Os “materiais secos”, como as garrafas, os rótulos, as cápsulas e as rolhas aumentam de preço todos os anos. E a agência de comunicação – que trata da imagem e mantém o website – apresenta ideias que nunca podem ser concretizadas, por falta de capacidade de investimento. Quando, finalmente, o vinho está pronto, o distribuidor de sempre trocou a sua marca por um concorrente. É necessário voltar a negociar com os clientes, apresentar os vinhos em garrafeiras, trabalhar a distribuição ou vender com margens esmagadas aos grandes retalhistas. Finalmente, consegue colocar o vinho no mercado. Mas depois tem de o fazer rodar. Tem de criar moda, acompanhar as tendências, criar relação directa com os consumidores. E iniciar o ciclo, ou pelo menos uma parte dele, todos os anos. É claro que nem todos os clientes são assim. É claro que nem todos os produtores são sérios. É claro que nem todos os distribuidores merecem desconfiança.

Mas há duas conclusões que ninguém pode negar. Primeiro, o consumidor que julga ser o mais atento e precavido paga invariavelmente mais por vinhos piores. Depois, a vida de produtor é realmente a melhor que alguém pode ter: porque só mesmo quem tem uma grande paixão pelo vinho e pela terra toma a decisão de a conservar. E, apesar de todos os obstáculos e falta de reconhecimento, trabalhar com paixão é um luxo que nem todos conseguem manter. De qualquer forma, hoje em dia, trabalhar com paixão não é sempre suficiente. É necessária uma certa dose de loucura para preservar a Natureza e fazer face ao novo espírito dos Homens.



Pedro Guerreiro
Gestor



| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

Mangalitsa O Porco Húngaro

Mangalitsa é um porco com origem antiga em terras húngaras, nos inícios dos anos 90. Esteve quase em extinção, mas nos últimos 15 anos, com a ajuda e cooperação de vários produtores, conseguiu salvar-se esta espécie.

É uma carne de grande valor nutritivo, com características específicas, nomeadamente, uma maior quantidade de gordura que um porco normal, em cerca 65% a 70%, pelo que também, é considerada uma das mais saborosas do mundo. A carne tem boa cor e compõe um «bom mármore» com a gordura

branca. O teor de gordura é muito mais elevado do que a do porco normal devido à sua dieta, que é sobretudo baseada em muito trigo, milho e cevada. Isto, ajuda no sabor e acresce que a gordura fica com bastante ómega 3 e antioxidantes naturais, dando resposta a cada vez mais pessoas preocupadas com a qualidade e naturalidade daquilo que nos alimenta.

Aqui na Hungria é cada vez mais usado nas boas cozinhas e já se começa a encontrar na boa gastronomia pela Europa fora. Em Portugal, também já existe produção.



Os Mangalitsa

Ao contrário do que possamos pensar, existem de facto várias espécies de porcos. Estes são originários da Áustria e da Hungria. São ricos em gordura. A sua produção entrou em declínio após a Segunda Guerra Mundial, tornando-se ainda mais escassos durante a crise económica que abalou a Hungria a seguir à queda do bloco de Leste, devido ao aparecimento do óleo de girassol, que levou à queda do consumo de banha e à introdução de raças de crescimento mais rápido e com maior percentagem de carne. Nos anos 90 não havia mais do que duas centenas de unidades deste suíno e terá sido graças ao contributo de um produtor espanhol de presuntos de porco ibérico, Juan Vicente Olmos, que a raça se salvou. O produtor de Segóvia percebeu que o mangalitsa tinha um po-

tencial elevado para a produção de presuntos, o que o levou a comprar uma boa parte dos exemplares que restavam. Porém, Olmos manteve a criação e o abate na Hungria fazendo a transformação, posteriormente, em Espanha. Estes porcos possuem o aspecto e uma ovelha, sendo mesmo conhecidos por «porco ovelha». Estes exóticos animais têm um temperamento muito tranquilo, dado serem criados em contacto próximo com o ser humano. São animais sem qualquer tipo de modificação transgénica, ainda que de aspecto exótico e muito particular, com o seu abundante pêlo que faz lembrar uma ovelha, sem dela ter qualquer DNA. Esse abundante pêlo permite que se proteja do frio do inverno rigoroso dos países de origem. Em Portugal existem alguns exemplares, criados perto do Fundão.



Tiago Sabarigo

Chef Essência Restaurant/ Budapest



| FALAR PORTUGUÊS

«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»?

A ideia começou não se sabe bem onde, mas espalhou-se como fogo pelos quartéis e pelos barbeiros deste país: uma pessoa desfaz a barba, não a faz. Uma barba sai da cara: por que razão dizemos que é feita nesse momento? Esta lógica impecável obrigou muita gente a começar a dizer «desfazer a barba» ou a refugiar-se na alternativa «cortar a barba». Ora, trago-vos uma boa notícia: as palavras podem ter vários significados. Aliás, raríssimas são as palavras com um significado sólido, único, imutável. Todas as línguas são assim! Não é um problema dos portugueses: é feitiço dos se-

res humanos. Os humanos aqui do lado, por exemplo, usam a mesma palavra para «sono» e «sonho» («sueño»). Confuso? Ora, nós dizemos «sono» para a vontade de dormir («tenho sono») e «sono» para o estado de quem está a dormir («sono profundo»). Faz confusão? Só a quem não fala português.

Pois bem: quando chegamos aos verbos, temos de reconhecer: muitos destes bichos variam de significado de acordo com a roupagem. O verbo «tirar» significa uma coisa em «tirar o prato da mesa», outra em «tirar a pinta»,

outra ainda em «tirar uma fotografia»... O verbo «dar» não é exactamente a mesma coisa em «dá três passos», «dá um presente», «dá uma cambalhota», «não dá uma para a caixa»...

Da mesma forma, o verbo «fazer» muda de significado em frases como «fazer um texto», «fazer a cama», «fazer tempo» e «fazer a barba» — são apenas exemplos: o verbo é ainda mais variado do que parece.

Não se trata de significados alternativos a um significado principal: todos são significados perfeitamente legítimos! Por que carga de água «fazer um texto» (escrever) ou «fazer a cama» (arrumar) hão-de ser significados mais legítimos que «fazer a barba» (cortar)? (Aliás, em todos os casos, se virmos bem, fazemos alguma coisa, no sentido de acção...)

Enfim, o certo é que a utopia da língua bem-comportada, com um só significado por palavra, seduz muita gente. No entanto, lamento informar, as línguas humanas não são feitas a regra e esquadro. Há palavras com muitos significados, há conceitos expressos por várias palavras, há desarmonizações em todos os recantos do léxico e da gramática. Mesmo que conseguíssemos, depois de muito trabalho, limpar estas belas confusões, rapidamente os nossos cérebros começariam a inventar novos significados para as coitadas das palavras.

Note-se: as palavras têm muitos significados, mas não têm qualquer significado: têm os significados que vão ga-

nhando ao longo do tempo, devagarinho, no uso de uma língua pelos séculos fora. Não posso dizer que «fazer um livro» significa «ler um livro». Mas posso dizer que «fazer a barba» significa «cortar a barba». Por outro lado, não posso simplesmente declarar que um significado tem de deixar de existir só porque sim. «Fazer a barba» é uma expressão que faz parte do português, queiramos ou não (e não vejo razão nenhuma para não querer). A língua não se faz à vontade do freguês. Faz-se à vontade do uso de milhões de fregueses, ao longo de muito tempo. O rigor também é isto: não impor o mais absurdo dos simplismos ao funcionamento da língua.

Enfim, neste como noutros casos, estou convencido que estamos perante um exemplo de chico-espertice. Alguém encontrou uma palavra com vários significados (a coisa mais banal do mundo!) e viu aí uma oportunidade de brilhar. Imagino mesmo o chico-esperto, na rua, a parar e a bater com a mão na testa: «A barba não se faz!» Quando vai ao barbeiro, dias depois, já vem com o sorriso espertalhão na boca: «Já repararam que a barba não se faz? Desfaz-se!» Pronto: está armada a confusão.

Como piada no barbeiro, dizer que «fazer a barba» é erro não faz mal a ninguém. Como ideia sobre o funcionamento da língua, é um grande disparate.

A barba faz-se, tal como a cama e o tempo — cada um à sua maneira. As línguas são assim: matreiras e muito interessantes.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

| **LEGAL**

Férias em Portugal em tempo de pandemia

info@abreuadvogados.com

<https://abreuadvogados.com>



Ao longo do ano de 2020, como consequência da pandemia que nos assola, muitos optaram por passar as suas férias perto da sua zona de residência. No entanto, após um ano de consequentes confinamentos, nota-se uma crescente vontade de viajar e voltar ao ritmo de vida normal, sendo as férias fora do nosso país e da nossa rotina, extremamente valorizadas neste tempo.

Ainda que se note uma grande evolução no regresso à normalidade, este regresso não pode ser feito sem cautela e respeito

pelas medidas de segurança, para evitar um retrocesso. Neste momento, é importante reter que todos os cidadãos provenientes dos países pertencentes à União Europeia, assim como os associados ao Espaço Schengen e Reino Unido, podem entrar em território português por via aérea. A entrada no território português ainda é permitida, sob reserva de confirmação de reciprocidade, aos países cuja situação epidemiológica se encontre de acordo com a Recomendação Europeia, cuja lista é atualizada frequentemente.

É ainda permitido o tráfego aéreo para viagens essenciais, considerando-se como tal as que são realizadas por motivos profissionais, de estudo, de reunião familiar, por razões de saúde ou por razões humanitárias.

Relativamente às viagens por via terrestre, de momento, não existem quaisquer restrições nas fronteiras entre Portugal e Espanha.

Todos os passageiros, independentemente da sua nacionalidade e do país de onde estão a viajar, deverão, à chegada a Portugal apresentar o comprovativo de teste à COVID-19, com resultado negativo, realizado nas últimas 72 horas ou 48 horas (no caso do teste rápido de antígeno) antes do embarque.

O isolamento profilático tem sido o maior entrave para os viajantes. Neste momento, apenas é exigido o cumprimento do isolamento profilático durante 14 dias, no domicílio ou em local a determinar pela autoridade de saúde, aos cidadãos provenientes dos países como a África do Sul, Brasil, Índia, Nepal e Reino Unido. É essencial que os cidadãos provenientes destes países preencham o formulário na plataforma do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Sendo que, tanto a apresentação do teste negativo como o cumprimento do isolamento profilático poderão ser substituídos pela apresentação do Certificado Digital COVID da União Europeia.

Outras restrições existentes, na presente data, são mais comuns, como por exemplo, o uso de máscara em espaços públicos e, quando não seja possível manter a distância de segurança, lavar as mãos com frequência.

É importante salientar que, nas zonas do país de maior risco, exige-se certificado digital ou teste negativo no acesso a restaurantes para serviço de refeições no interior às sextas-feiras a partir das 19h00 e aos sábados, domingos e feriados durante todo o dia, estando o funcionamento destes estabelecimentos permitido até às 22h30. Para além disto encontra-se limitada a circulação na via pública a partir das 23h00.

Especificamente, e no que ao acesso a estabelecimentos turísticos e de alojamento local diz respeito, é exigido certificado digital ou teste negativo, independentemente do nível de risco de cada concelho.

É importante salientar que as medidas impostas pelo Governo são frequentemente alteradas, pelo que é essencial confirmar antecipadamente, quais as medidas em vigor no momento da viagem para Portugal.

Ainda assim, viajar é possível, devendo cada cidadão cumprir estritamente as regras impostas para que todos possam usufruir das suas férias da melhor maneira e de forma mais segura.

Boas férias e sejam bem-vindos a Portugal!



Raquel Brito
Abreu Advogados



Marta Ivanchyshyn
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

O novo IVAucher

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

Tendo presente o forte impacto, financeiro, económico e social decorrente da pandemia Covid-19, a Lei do Orçamento do Estado para 2021 procurou encontrar algumas medidas de mitigação e de apoio aos setores económicos mais afetados como o do alojamento, da cultura, ou da restauração. Nesse contexto, foi criado o programa IVAucher, o qual tem por objetivo a dinamização dos referidos setores económicos, em particular, através do estímulo ao consumo privado (conforme previsto no Decreto Regulamentar n.º 2-A/2021, de 28 de maio no qual se veio a definir o âmbito e as condições específicas do seu funcionamento).

O IVAucher consiste num mecanismo que permite aos consumidores acumular o valor ao à totalidade do IVA suportado nos consumos dos setores abrangidos durante um trimestre e descontar esse valor em consumos realizados nos mesmos setores, no trimestre seguinte, funcionando como uma espécie de “desconto acumulado em cartão”.



Pese embora a adesão dos consumidores seja voluntária, os comerciantes, sujeitos passivos de IVA, com CAE's correspondentes às atividades dos setores referidos, estes encontram-se automaticamente abrangidos, bastando que disponham de terminais de pagamento automático compatíveis. Por forma a operacionalizar o novo regime, em particular, no que se refere aos períodos de referência, para determinação do imposto a deduzir e utilização dos montantes acumulados foi já também aprova-

da a Portaria n.º 119/2021, de 7 de junho.

A fase de acumulação de imposto, começou no dia 1 de junho e só terminará no final do mês de agosto, sendo que o imposto acumulado neste período poderá ser utilizado entre outubro e dezembro de 2021. Neste âmbito foi, ainda, criada uma app IVAucher e que pretende servir os comerciantes que não tenham forma de aceitar cartões de pagamento bancário.

Quer o comerciante, quer o consumidor devem registar-se nesta aplicação, sendo que o comerciante necessitará, ainda, de se registar no sítio IVAucher ou atualizar o seu software de faturação.

Esperemos que o novo estímulo fiscal possa fomentar o consumo interno e, nessa medida, minorar os efeitos provocados pelo Covid-19, nos setores abrangidos, mas será sempre também fórmula de incentivar a emissão de faturas e de fiscalizar o IVA e outros impostos devidos nestas transmissões de bens e prestações de serviços.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

A importância do foco

As férias são sempre uma boa oportunidade no ano, para nos afastarmos do dia-a-dia frenético em que muitas vezes andamos, e que não nos permite refletir sobre nós, os nossos entes queridos, e em todos os outros.

As férias permitem-nos recuperar energias, revitalizarmo-nos, mas sobretudo permite-nos realizar outras atividades que doutro modo não nos seria possível.

Muitos aproveitam este tempo para uma retrospeção, para se conhecer melhor e para recentrar as suas ações futuras de acordo com o que consideram realmente importante para a sua vida futura.

Por este exemplo as empresas também deveriam fazer o mesmo, deveriam elas também verificar, se as suas ações estão de acordo com a sua razão de existir. No passado dia 8 de Julho pelas 17h53, assisti atónito a uma situação que merece reflexão. Um pai estacionou o seu carro junto da entrada da escola primária, onde anda o seu filho por breves minutos para o ir buscar, e como até era o último dia do ano lectivo, para além do seu filho vinha também carregado com todos os livros e cadernos do ano. Quando chegou ao seu carro, apercebeu-se que de forma muito eficiente

um agente da EMEL já lhe tinha emitido uma multa. Protestou pelo facto, mas o amável e humano agente da EMEL, teve a gentileza de lhe explicar que tinha cumprido com seu dever, acrescentando que se o carro estivesse em segunda fila, não teria recebido a multa, mas como o pai teve o azar de estacionar correctamente o carro, nada havia a fazer.

É notável que a Câmara Municipal de Lisboa, CML, se preocupe em colocar agentes da EMEL a multar pais na hora da saída das crianças, mas, no entanto, não se preocupa em providenciar uma área para a tomada e largada de passageiros frente às escolas.

Isto acontece porque pelos vistos, parte para não dizer a totalidade da CML, perdeu o seu sentido de existir.

A CML deveria estar ao serviço dos munícipes de Lisboa. Quando se perde esta noção é normal ver uma organização a executar ações administrativas de forma puramente burocrática e tecnocrata, perdendo-se o sentido humano por detrás de cada ação da organização. Mas não é surpreendente, por essa mesma razão a CML através de várias pessoas e departamentos, transmitiu de forma rigorosa, minuciosa, eficien-

te e voluntarista os dados de tantos cidadãos livres, a estados ditatoriais e que desprezam os direitos humanos e a liberdade que tanto prezamos, sem considerar as consequências para a vida desses cidadãos e dos seus familiares. O que parece importante para a CML é que se respeitou uma determinada lei cuja existência se desconhece, violando uma série de outras e os fundamentais direitos humanos que deveriam estar acima de qualquer norma iníqua.

Qualquer empresa pode acabar como a CML, que se esqueceu da sua razão de existir e que se transformou num conjunto de ações administrativas e burocráticas.

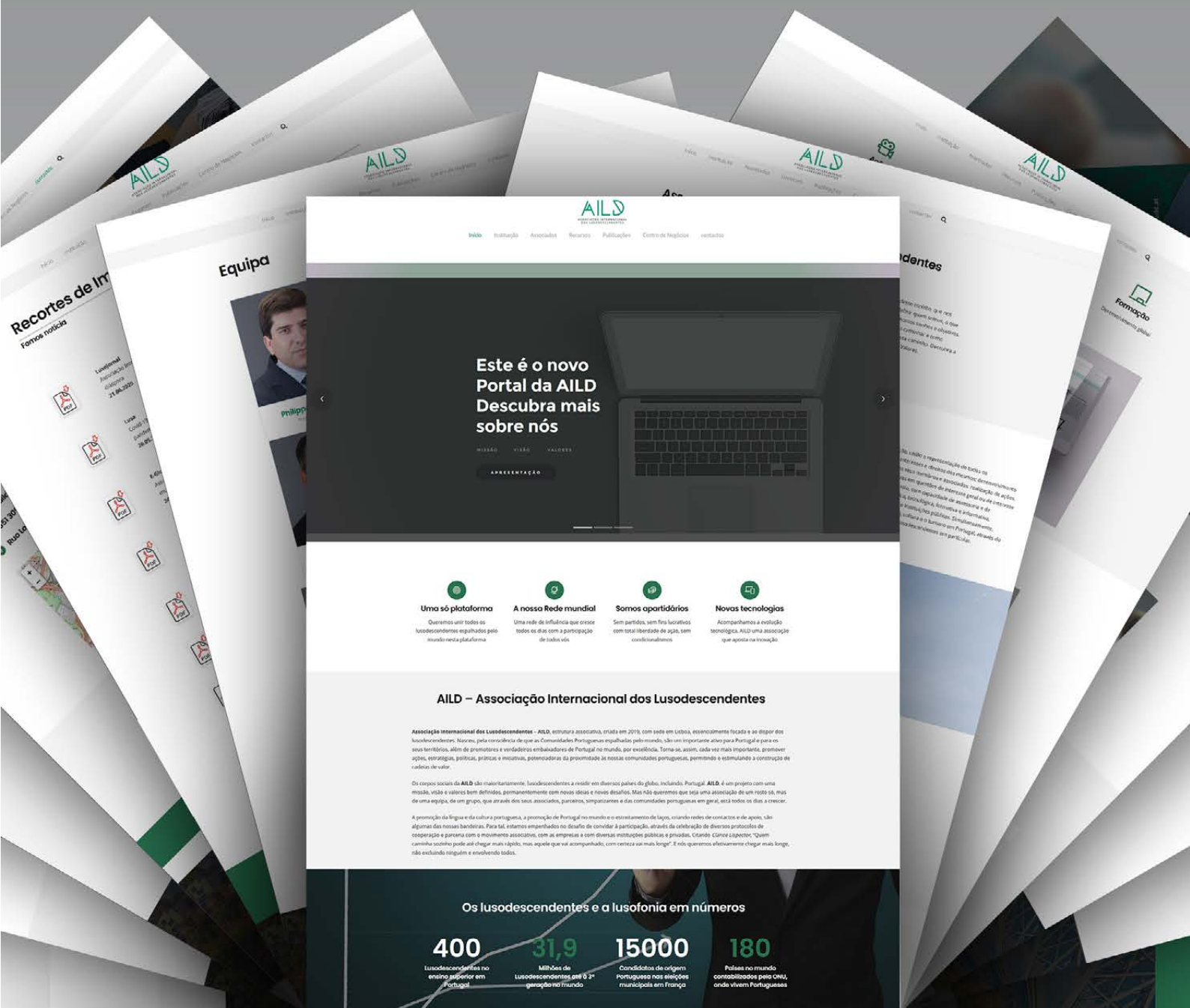
As empresas não se podem esquecer que a sua razão de existir são os seus clientes e que nada faz sentido se as suas ações perderem esse foco.

Não sei se já se aperceberam, mas muitas vezes, em muitos restaurantes, os empregados têm a tendência para dar mais atenção a mesas vazias, do que a clientes.

Não hesite em contactar um contabilista certificado caso pretenda encontrar um bom programa que ajude a recentrar o foco da sua equipa no que é realmente importante para a organização.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



A plataforma que une
 todos os lusodescendentes
 AILD.PT

Ei![®]
Assessoria
Migratória

WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA A SUA REFORMA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO